



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

REFLEXO DA CIDADE VELHA
Arquitectura, Património e Turismo:
O caso Cidade Velha em Cabo Verde

Tatiana Pavliuc

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato
Co-orientador: Prof. Susana Martins

Covilhã, Outubro de 2013

Agradecimentos

A minha mãe e irmã.

A todos que de forma directa ou indirecta me auxiliaram ao longo deste percurso académico.

Resumo

A partir das últimas décadas do séc. XX, o turismo em Cabo Verde tem sido um dos sectores que mais cresceu, atraindo maior investimento directo estrangeiro. Contudo, este crescimento pode criar maior pressão sobre os recursos existentes, com impactos negativos a vários níveis.

Há uma clara reflexão sobre a valorização, preservação e conservação do património nacional, em que se apostou no centro histórico de Ribeira Grande, Cidade Velha, portadora de uma história única no mundo inteiro, sendo o berço da nação crioula e o lugar onde nasceu o comércio dos escravos. Teve uma existência de tempos dourados quase efémera, mas soube tirar partido disso e ser eficiente na altura.

O tema desta dissertação constitui um estudo que relaciona a história com o desenho urbano, a imagem da cidade a partir de vários pontos da mesma, a economia, a sociologia, e a arquitectura com o património e o turismo.

Uma forma de demonstração em como revitalizar o lugar histórico, quase rural da Cidade Velha de Ribeira Grande, é valorizando o meio ambiente, conservando o património cultural, natural, construído e subaquático. Alia-se dessa maneira um estudo de pesquisa sobre história, paisagem, dotações urbanas e equipamentos, para assim dar lugar a uma “reciclagem” ao espaço e ao Património Mundial, sem perturbar o meio ambiente, tornando-o atractivo, e desenvolvendo a sua economia no sector de Turismo Sustentável.

Palavras-chave

Cabo-Verde, Cidade Velha, Arquitectura, Património, Turismo, Sustentabilidade.

Abstract

Since the last decades of the 20th century, tourism in Cape Verde has been one of the fastest growing sectors, therefore being one of the biggest income sources of the country. However, this growth can create more pressure on existing resources, with negative impacts on several levels.

There is clear concern about the appreciation, preservation and conservation of the national heritage, with emphasis on the historic center of Ribeira Grande, Cidade Velha. The town that carries a unique history in the world, was the birthplace of the Creole nation and the birthplace of slave traffic. It had a period of golden times, almost ephemeral, but knew how to take advantage of it and be efficient at the time.

The theme of this dissertation is a study that relates history with urban design, the view from various parts of the city, economics, sociology, heritage and tourism.

A form of demonstration on how to revitalize the historic place. Cidade Velha is almost more rural than urban, is valuing the environment, preserving cultural and natural heritage, built and natural underwater heritage too. This is connected with a research study about the history, landscape, urban appropriations, and equipment, so as to give upsurge to a "recycling " of the area and the World Heritage space, without disturbing in the environment, making it's attractive, and developing its economy sector in Sustainable Tourism.

Keywords

Cabo-Verde, Cidade Velha, Architecture, Heritage, Tourism, Sustainability.

Índice

1	INTRODUÇÃO	2
1.1	OBJECTIVOS	2
1.2	METODOLOGIA	3
1.3	DEFINIÇÃO DE CONCEITOS	4
1.3.1	Turismo e Arquitectura	4
1.3.2	Cidade Património Mundial	6
2	EVOLUÇÃO E HISTORIA	10
2.1	DESCOBERTA DA ILHA E DA RIBEIRA GRANDE	10
2.2	LOCALIZAÇÃO E A SUA IMPORTÂNCIA	12
2.3	AS ELITES DA CIDADE VELHA	12
2.4	DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO	14
2.5	A FORMA E O CRESCIMENTO URBANÍSTICO	15
3	OFERTA E ANÁLISE GEOGRÁFICA	19
3.1	CLIMA	19
3.1.1	Temperatura	19
3.1.2	Ventos	22
3.1.3	Humidade/Chuvas	22
3.2	GEOMORFOLOGIA	23
3.2.1	Os Materiais e o Solo	23
3.2.2	Vegetação	25
4	A IMAGEM DA CIDADE	28
4.1	ARQUITECTURA DA CIDADE	28
4.1.1	Vias	32
4.1.2	Limites	37
4.1.3	Bairros	41
4.1.4	Cruzamentos	43
4.1.5	Pontos Marcantes	44
5.	ENQUADRAMENTO SOCIO-ECONÓMICO	47
5.1.	DEMOGRAFIA - ASPECTOS GERAIS	47
5.2.	A ACTIVIDADE ECONÓMICA	47
5.2.1.	Sector Primário	48
5.2.2.	Sector Secundário	49
5.2.3.	Sector Terciário	49
5.3.	CIDADE PATRIMÓNIO E POTENCIAL TURÍSTICO	50
5.3.1.	Património Construído no Lugar Histórico da Cidade Velha	50
5.3.1.1.	Arquitectura Religiosa	52
5.3.1.2.	Arquitectura Defensiva	53
5.3.1.3.	Arquitectura Civil	53
5.3.1.4.	Arquitectura Habitacional	58
5.3.1.5.	Património Natural	58
5.3.2.	Património Imaterial: Cultura e Lazer	61
5.3.2.1.	Música e dança	61
5.3.2.2.	Artesanato	61
5.3.2.3.	Gastronomia	63
5.4.	TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS	63
5.5.	DOTAÇÕES URBANAS	64
5.5.1.	Infra-estruturas	64
5.5.1.1.	Água e Saneamento	64
5.5.1.2.	Energia e Telecomunicações	65
5.5.2.	Equipamentos Sociais e Colectivos	66
5.6.	ANÁLISE SWOT	70
5.6.1.	Forças	70

5.6.2.	Oportunidades.....	70
5.6.3.	Fraquezas	71
5.6.4.	Ameaças	72
6.	DESENHAR CIDADE VELHA	74
6.1.	IDEIAS E PROPOSTAS. ARQUITECTURA, CONSTRUÇÃO, PLANEAMENTO URBANO, TURISMO E SUSTENTABILIDADE.	88
	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	91
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
	ANEXOS.....	98

Lista de Figuras

FIG. 1 MAPA DO MUNDO COM INDICAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE E AS RESPECTIVAS ILHAS.....	11
Fonte: PIRES, F e Cipplop	
FIG. 2 GRAVURA DE RIBEIRA GRANDE EM 1635, JOANNES VAN REULEN	13
Fonte: PIRES, F	
FIG. 3 PRINCIPAIS EIXOS GERADORES DO TECIDO URBANO	17
Fonte: PIRES, F. p. 103	
FIG. 4 PLANTA INDICANDO AS PLATAFORMAS DE IMPLANTAÇÃO DA CIDADE	24
Fonte: PIRES, F.	
FIG. 5 A CIDADE VISTA DO MAR ACTUALMENTE.....	29
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 6 VISTA DA CIDADE DO CIMO DA MONTANHA	30
Fonte: HELENA, M.	
FIG. 7 A. RUA DO CALHAU; B. O VALE DA RIBEIRA GRANDE; C. A VISTA DA CIDADE DO INTERIOR DO VALE	31
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 8 AS PRINCIPAIS RUAS E BECOS DA CIDADE	33
Fonte: PIRES, F	
FIG. 9 RUA DA BANANA E RUA CARREIRA	35
Fonte: http://associacaodolixoaluxo.blogspot.pt/p/ilha-de-santiago.html	
FIG. 10 RUA S. SEBASTIÃO E RUA DO CALHAU	36
Fonte: Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012	
FIG. 11 VISTA DO FORTE DE S. FILIPE, RUA MARCANTE NA PAISAGEM.....	38
Fonte: http://cabovertesite.com/santiago/	
FIG. 12 VISTA PARA AS RUINAS DO FORTE DE S. VERÍSSIMO, AS PORTAS DO FORTE S. LOURENÇO, O LIMITE DAS MONTANHAS ...	40
Fonte: (zemonte)	
FIG. 13 BAIRROS E ÁREAS URBANAS	42
Fonte: PIRES, F.	
FIG. 14 A PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS	51
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 15 SÉ CATEDRAL	54
Fonte: Planeamento Urbano em África.	
FIG. 16 IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	55
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 17 CONVENTO DE S. FRANCISCO, PELOURINHO	56
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 18 FORTE DE S. FILIPE	57
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 19 A PLANTA TIPO, DE UMA HABITAÇÃO	59
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 20 PATRIMÓNIO SUBAQUÁTICO E PEDREGULHOS NA PRAIA	60
Fonte: UNESCO, 2008 e BEATO, C.	
FIG. 21 - PANO DA TERRA	62
Fonte: http://arteguine.com.sapo.pt/arte.html#Panaria_da_Guiné_e_Cabo_Verde_-_1960_-_1970	

FIG. 22 EQUIPAMENTOS SOCIAIS E COLECTIVOS: POUSADA S. PEDRO, E RESTAURANTE " A ORIGEM", POSTO TURISMO.....	68
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 23 EQUIPAMENTOS SOCIAIS E COLECTIVOS: CAFÉS E ESPLANADAS NA RUA DO CALHAU E A BEIRA- MAR	69
Fonte: UNESCO, 2008	
FIG. 24 CENTRO DA CIDADE, LARGO DO PELOURINHO E A CÂMARA MUNICIPAL	75
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 25 VENDA DE ARTESANATO	76
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 26 MULHER CRIANDO CESTO, PELOURINHO	77
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 27 ESPAÇOS PÚBLICOS	78
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 28 ESPAÇOS PÚBLICOS	79
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 29 O PORTO E SEUS BARCOS DE PESCA.....	80
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 30 CONFORTO MICROCLIMÁTICO - O EFEITO DA VEGETAÇÃO COMO FACTOR DE AGREGAÇÃO SOCIAL.....	81
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 31 OS EDIFÍCIOS DO PORTO.....	82
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 32 A PRAIA E ACTIVIDADES SUGESTIVAS	83
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 33 PASTAGENS EXISTENTES NO MEIO URBANO E JARDINS DE CACTOS SUGESTIVOS	84
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 34 D. ROSÁRIO (O ARQUITECTO E A CIDADE VELHA) E VISTA PARA O BAIRO S. SEBASTIÃO.....	85
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 35 IDEIAS SUGESTIVAS PARA ESPAÇOS CULTURAIS	86
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 36 IDEIAS SUGESTIVAS PARA ESPAÇOS CULTURAIS.....	87
Fonte: Autor da dissertação	
FIG. 37 ESBOÇOS PARA MUSEU, VENDA, E PRODUÇÃO ARTESANAL EM EDIFÍCIOS EM RUINAS.....	87
Fonte: Autor da dissertação	

Lista de Quadros

QUADRO: 1 TEMPERATURAS MÁXIMAS MEDIAS E MÍNIMAS MÉDIAS/MÊS EM 2012/2013.....	20
Fonte: Autor da dissertação	
QUADRO: 2 TEMPERATURAS MÁXIMAS MEDIAS E MÍNIMAS MÉDIAS/MÊS EM 2012/2013.....	21
Fonte: Autor da dissertação	
Fonte: Autor da dissertação	
QUADRO: 4 Rib. GRANDE DE SANTIAGO. RAMOS DE ACTIVIDADE ECONÓMICA DA POPULAÇÃO OCUPADA CENSO 2000	48
Fonte: Autor da dissertação	
QUADRO: 5 CONJUNTO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS	50
Fonte: Autor da dissertação	
QUADRO: 6 ESPINHEIRO BRANCO (ACÁCIA ÁLBIDA), SICÔMORO (FICUS SYCOMORUS), TAMAREIRA (PHOENIX ATLANTIDIS)	105
Fonte: Boavista Agenda	
QUADRO: 7 CONTRASTE ENTRE VEGETAÇÃO E ARIDEZ	106
Fonte: BEATO, C.	

Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior
FAIMO	Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra
O IIPC	Instituto de Investigação e do Património Cultural
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Capítulo I

1 INTRODUÇÃO

“Um bom edifício é naturalmente sustentável.” (GUEDES, M.)

Pode afirmar-se que Vitruvius no séc. I a.C. já defendia um projecto de Arquitectura Sustentável, quando inclui a natureza e os seus recursos naturais, assim como a escolha para a implantação das cidades, a disposição das ruas e a orientação dos edifícios. Defende “firmeza, beleza e função”¹, definindo a arquitectura como uma ciência, que surge de muitas outras, e adornada com muitos e variados ensinamentos: pela ajuda dos quais um julgamento é formado daqueles trabalhos que são o resultado das outras artes.

Uma Cidade Património Mundial é um museu ao ar livre. Cidade Velha assemelha-se a esta caracterização, sendo o lugar e uma das palavras-chaves desta dissertação, intitulada “Reflexo² da Cidade Velha”. Surge então da soma de um conjunto de imagens universais que permitem uma paisagem pessoal imaginária ilustrada. Reflexo da Cidade Velha revela uma abertura global, sendo Património Mundial, um lugar de referência no mundo inteiro, seja pela sua história comercial e portuária, seja pela cultura, a sua natureza ou a sua arquitectura significativa. Foi a primeira cidade europeia construída em África. É de importante valor referir a escolha da sua localização e as ofertas naturais que a tornaram tão notável no mundo inteiro. Embora por pouco tempo, soube aproveitar e representar o papel que lhe coube, ser uma cidade portuária de escala mundial.

Hoje o centro histórico da Ribeira Grande é visto como berço da nação cabo-verdiana e apresenta um alto potencial para o desenvolvimento do turismo no património arquitectónico na Cidade Velha.

1.1 Objectivos

A análise proposta incide na arquitectura, património e turismo, aperfeiçoando pontos fortes e oportunidades, reduzindo ameaças e fraquezas no centro histórico de Ribeira Grande e melhorar a vivência dos seus habitantes, adaptando a preservação do Património. Insere-se ainda a importância e os inconvenientes do turismo no património arquitectónico, apresentando um estudo teórico que sirva de base à investigação, desenho e construção do património arquitectónico da Cidade Velha.

Sendo que a sua história reflecte-se no seu desenvolvimento como povoamento e urbanização, recorrer-se-á a perguntas como: 1) Como e quando foi descoberta? 2) Onde se integra a sua localização? 3) Como se desenvolveu o seu povoamento? 4) Quem eram as suas elites? 5) Porque entrou em decadência e lhe foi tirado o título de capital? 6) Qual é a sua oferta geográfica?

¹ VITRÚVIU, Marco Polião, *De Architectura, in Vitruvius Arquitecturismo, Vitruvius e Cook na Vila Pentado*, SPOLON, A., 2007.

² REFLEXO, adj. (reflectido, indirecto devido a reflexão), subst. (reprodução, imitação, etc.), Retirado de Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, vol.4, ed. VERBO, p. 1532, FERNANDES, F.

Neste sentido pretende-se com o primeiro e o segundo objectivos perceber a importância relevante da história e geografia, para fazer esboços mentalmente da sua arquitectura e forma urbanística, envolvendo a arquitectura antrópica dentro da paisagem natural, complementando e interpretando propostas conceptuais de ideias sugestivas para o turismo sustentável na Cidade de Santiago.

1.2 Metodologia

Os eixos principais da metodologia aplicada na presente dissertação são arquitectura, património e turismo e desenvolvem-se em 6 partes, a) Definições gerais de Arquitectura, Turismo e Património; b) Enquadramento e evolução histórica; c) Ofertas e análise da natureza; d) A imagem da cidade; e) Enquadramento socioeconómico; f) Componente conceptual de turismo sustentável na Cidade Velha, Património Mundial.

1) Definir Arquitectura, Turismo e Património

A primeira fase concentra-se numa interligação da importância do turismo no património arquitectónico.

2) Enquadramento e evolução histórica

A segunda fase localiza-se na história do homem crioulo, e na descoberta da ilha, a importância da localização do povoamento na Ribeira Grande, o seu desenvolvimento económico em paralelo com a forma e o crescimento urbanístico e respectiva decadência. É apresentada uma referência cronológica da história da Cidade de Santiago nos anexos.

3) Ofertas e análise da natureza

A terceira fase pretende estudar e analisar o comportamento climático da cidade, assim como a sua geomorfologia, os materiais da terra e a vegetação. Estudando estes elementos, tem-se as bases para extrair conclusões inovadoras nas futuras construções que terão como objectivo, serem o mais sustentável possível.

4) A imagem da cidade

Na quarta, fase tendo já por base o enquadramento histórico e geográfico estudado, pretende-se perceber a imagem panorâmica da urbe, utilizando como base os elementos da cidade que o autor do livro “Imagem da Cidade”, K. Lynch descreve. Procuram-se assim os elementos marcantes na cidade, objectos que podem servir como ponto de referência: Os cruzamentos ou praças, ponto de encontro de pessoas, vias, agitação e centralidade; Bairros organizados em microcidades, com ruas interrompidas por transversais ou becos, cada um identificável com características próprias da sociedade, história e da sua função; Limites, elemento guia através dos seus contornos claros na cidade, como rios, costa marítima, montanhas e muros; As vias, os canais mais utilizados pelo homem na sua deslocação, tendo como privilégio contemplar a cidade em movimento. Com esses elementos tenciona-se relacionar a história da cidade e as suas estratégias de desenvolvimento.

5) Entorno socioeconómico

A demografia em aspectos gerais, a actividade económica, o sector turismo e o seu potencial no meio de um património mundial, as tecnologias e as dotações urbanas, são

pontos que também contribuirão para um desenvolvimento de turismo sustentável. Na Cidade Velha tendo um valor mundial de património, tem-se o objectivo de perceber os pontos fortes e melhorar os pontos fracos, fazendo prosperar assim a qualidade de vida dos habitantes e dos seus visitantes.

6) Componente conceptual de turismo sustentável na Cidade Velha, Património Mundial.

Esta última fase resume-se a uma *experiência estratégica* de maneira a tirar proveito do conceito da Arquitectura, Património, e Turismo aproveitando os pontos fortes e as oportunidades, eliminando as fraquezas e diminuindo as ameaças.

Falando então de um centro histórico e sobretudo de um património mundial, esta riqueza terá de ser tratada com distinta delicadeza. Mas sendo a Cidade Velha vítima de abandono e esquecimento por alguns anos, perderam-se inúmeros documentos, que podiam servir de apoio para o conhecimento melhor sobre a evolução da cidade.

Na falta de visita pessoal à cidade, conta-se com análises e estudos de:

Pesquisa de registos escritos e imagens de visitantes do local; Consultas bibliográficas sobre património e turismo; Consultas e análise documental (teses); PDM RGS; Documentários televisivos.

1.3 Definição de Conceitos

1.3.1 Turismo e Arquitectura

Turismo é normalmente uma actividade de lazer, praticada fora do próprio habitat, por algum tempo, podem ser dias, semanas ou meses.

O turismo nasce com a Revolução Industrial no séc. XIX, quando as deslocações são mais acessíveis. Inicialmente é consumido por classes de aristocratas, na actualidade torna-se cada vez mais alcançável por qualquer classe social devido a grande oferta de viagens LOW-COST.

O turismo agrega-se na viagem e na estadia evidenciando-se no seu tipo, de acordo com a procura e a oferta. Existem imensos tipos de turismo, de acordo com a formação e perspectiva pessoal, existindo estudos e definições de turismo na economia, na sociologia, na geografia, na arquitectura, etc. Uma viagem pode ter vários motivos: lazer, cultura, educação, étnica e trabalho. A geografia e o clima são também factores relevantes para potenciais turísticos.

O turismo potencie o desenvolvimento económico do local, uma vez que são criadas infra-estruturas para receber, entreter e proporcionar experiências de lazer e cultura aos visitantes. Estas estruturas, para além de melhorarem o aspecto e ambiente da cidade, também geram novos postos de trabalho e um gradual aumento do nível e da qualidade de vida dos habitantes da cidade. É desenvolvida então uma rede de bens e serviços, relacionados entre si que promovem a cidade.

“O cabo-verdiano não vê beleza no seco, ele logo associa às crises. Vemos na seca toda a desgraça do país, tudo de negativo tem a ver com a seca. Mas vivemos com a seca e devíamos ser preparados para aceitá-la, porque não há jeito. Não se pode deslocar Cabo Verde de onde está. Temos que fazer uma educação virada para a convivência com a seca, temos que

valorizar o seco como bonito! Devemos nos reconciliar com a seca e viver bem com ela. A solução está no turismo, que é o potencial de Cabo Verde, pois com ele começa-se a criar uma nova olhada sobre a seca: o turista acha bonito aquilo que o cabo-verdiano nunca valorizou e aí começa a surgir uma nova visão da beleza do país. O turista vem, não encontra o verde e acha bonito assim mesmo! Eu, enquanto cabo-verdiano, vou para outros lugares e só acho bonito porque é verde. A reconciliação é necessária para que haja desenvolvimento!

[...] A questão da beleza, somos nós que criamos a ideia de beleza atrás da paisagem que nos interessa, ela é sempre relativa. Mas aqui tem a ideia de associar a beleza natural ao verde, exactamente o que não temos. A ideia de não explorar o árido como beleza é burrice. A seca pode ser revertida como recurso favorável, depende da pedagogia que nós temos que fazer; mostrar o belo através do árido. As pessoas têm que ser convencidas disso.” (SEMEDO, José Maria, comunicação pessoal)³.

Realmente definir o turismo como sector estratégico para o desenvolvimento na Cidade Velha implica criar e implementar instrumentos que maximizem as suas potencialidades e que reduzam os seus efeitos negativos. Apresenta perspectivas de aumento de benefícios económicos, mas também pode ser uma ameaça ambiental. Pois segundo *Butler*⁴ a representação do funcionamento do espaço turístico é a base dos modelos de evolução desta actividade. O esquema histórico do turismo é dividido em três fases: o período de exploração, em que o lugar é descoberto, e chegam os primeiros turistas; depois o período de desenvolvimento, em que aumenta sensivelmente o número de turistas e respectivamente as suas infra-estruturas e equipamentos, assim como oferta de alojamento. A economia turística fica mais complexa; E por fim quando o número de turistas chega a saturar, essa actividade entra em crise e declínio. E os turistas acabam por preferir destinos reconhecidos e mais facilmente acessíveis.

Apesar de haver uma luta entre proteger a paisagem urbana e a arquitectura tradicional, há sempre tentativas de transformar o território a partir de conhecimentos singulares, sem seguir normas da construção urbana.

Cidade Velha neste momento encontra-se na fase do desenvolvimento, tendo em conta que em 2000 não tinha metade das dotações turísticas que tem hoje, contando com edifícios para a hospedagem dos turistas, cafés e restaurantes, e sobretudo recuperações urbanas, financiadas por países europeus, interessados no Património da Cidade Velha.

Há que ter especial atenção nos investidores privados, que são os que mais prejudicam o meio ambiente. É importante induzir na Cidade Velha turismo sustentável sob o ponto de vista do ambiente natural, estabelecendo limites à expansão do sector turístico. Quando chegasse ao nível de saturação pré-estabelecido, não se deveria atribuir mais autorizações de entrada, concedendo a atenção para agricultura e a artesanato.

³ In Memórias da África, p.82. por SANSONE L., Salvador, 2012.

⁴ BUTLER, R. W. *The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources.* In MOREIRA, Angela, *Turismo e arquitectura: a produção do atractivo via singularidade / notoriedade do lugar*, ARQUITEXTOS, 2008.

A forma arquitectónica na Cidade Velha respondeu às necessidades dos comerciantes, e do lugar. A sua história compreende-se pela sua existência e deambulando nas suas ruas experiencia-se a sua vivência.

Qualquer lugar identifica-se com alguma característica única, e essa singularidade cria uma atractividade para alguns indivíduos que podem ou não ser turistas. A imagem da Cidade Velha tem este potencial para ser exclusiva. Não pode no entanto ser banalizada e estandardizada para a industrialização. Com isso a indústria baseada em pousadas, hotéis, restaurantes, tem de ter um limite de crescimento. A imagem da Cidade é muito importante para a sua organização e a sua apresentação, o aproveitamento de qualquer edifício em ruína seria uma mais-valia tanto para o meio ambiente, como para a economia da cidade, conjugando práticas de artesanato, práticas culturais, etc.

A relação entre arquitectura e turismo é inseparável, pois onde há um edifício novo, há pelo menos um turista com vontade de visita-lo. Entretanto entre arquitectura e turismo relaciona-se com igual importância o património que possui igualmente objectivos económicos comuns. *A conservação dos recursos patrimoniais e o seu processo de transformação em produto turístico é um incentivo para a revitalização da identidade cultural a nível regional, nacional e internacional. O mercado turístico necessita dos recursos patrimoniais para o desenvolvimento de novos produtos. Património e turismo, são altamente compatíveis, a interdependência entre ambas as áreas é inevitável*⁵.

1.3.2 Cidade Património Mundial

“Podemos viver sem a arquitectura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história.” John Ruskin (Londres, 1819 - 1900)

A designação de Património Mundial tem como objectivo incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. Valorizam-se bens importantes na identificação de alguma nacionalidade, que seja relevante também para todos os países, fornecendo-se assistência de emergência nos locais classificados como Património Mundial, prestando assistência técnica e formação profissional.

Aspectos físicos e culturais, são fonte de identidade no **Património Imaterial**, a tradição, a língua, as cantigas, os provérbios, as danças, as técnicas e o conhecimento carregam um valor histórico único para cada país. Experiências mais avançadas deixam como herança e testemunho da história aos mais novos, memórias vividas no passado, que se reflectem no presente sob forma de símbolo pessoal.

⁵ ALVES, César, *A importância do ecoturismo no património arquitectónico de Cabo Verde, Das potencialidades à prática*, 2009, Lisboa.

Obras de arquitectura, pintura, escultura e monumentos históricos são classificados pela UNESCO, como **Património Cultural Construído**. Através do património construído reconhece-se parte do desenvolvimento histórico sociocultural de uma nação.

O **Património Natural** caracteriza-se pela singularidade geográfica e biológica, que muitas vezes pode encontrar-se em vias de extinção, sendo por isso protegidas e conservadas.

E o **Património Subaquático**, que se assemelha ao património construído, mas de forma submersa, característico por muitos anos de existência, fazendo em muitos casos parte da história naval, que envolve a época dos descobrimentos. (Definiu-se com base na Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural.)

Em 2008, o Comité Intergovernamental para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural publicou, como parte de suas *“Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial”*: *“O património cultural e natural faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis não só de cada país mas de toda a humanidade.”*

“A perda, por degradação ou desaparecimento, de qualquer desses bens eminentemente preciosos constitui um empobrecimento do património de todos os povos do mundo. Pode-se reconhecer, com base nas respectivas qualidades notáveis, ‘um valor universal excepcional’ a certos elementos do referido património que, por essa razão, merecem ser muito especialmente protegidos contra os perigos cada vez maiores que os ameaçam”. (UNESCO, 2008)⁶.

A curiosidade que as obras antigas despertam, e o aspecto que elas oferecem aos olhos, fascinam pelas suas dimensões, pelos materiais, pelo seu requinte e pela maneira como foi executado.

A partir dos finais dos anos 80, o interesse turístico começa a abrir possibilidades comerciais na Cidade Velha. E no ano 90 é inscrita nas listas do Património Mundial, com o pretexto de sensibilizar a UNESCO de que o património cultural da Cidade Velha estava em perigo.

“Decreto n.º 121/90, de 8 de Dezembro, que declara o sítio histórico da Cidade Velha património nacional de Cabo Verde, tendo em conta a sua importância como berço do cabo-verdiano, o valor cultural e patrimonial desse sítio histórico em geral, e das ruínas, em particular, visando a salvaguarda dessas ruínas e do conjunto histórico aí existentes, apresentando um anexo com os limites do sítio.”

A 10 de Junho de 2009 foi classificada como uma das Sete Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo. Devido à sua história, manifestada por um valioso património arquitectónico, a 26 de Junho do mesmo ano, foi classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Para ser valorizado como Património Mundial o lugar tem de seguir uma lista:

A Cidade Velha exhibe valores humanos e culturais de uma história passada. Sendo a primeira cidade europeia localizada no sul do Saara, reflecte uma imagem arquitectónica europeia. Nos monumentos religiosos anota-se desde a primeira igreja em África, como

⁶ In CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, ed. 70, Lisboa, 2006. p.12-13.

capela gótica, e também como especialização gradual no trabalho de pedra. O seu conjunto espelha a importância estratégica global perante três continentes (Europa, África, América) e as actividades comerciais de escravos.

O património edificado da Cidade Velha é um excelente exemplo do tipo de arquitectura que abraçava as navegações e o comércio de escravos, e cada monumento tem a sua característica especial que passa às novas gerações a sua história social. Pois além da arquitectura religiosa, as fortalezas são elementos iconográficos na imagem da cidade e na sua história, visto que se situavam estrategicamente no cimo das montanhas e tinham como fim proteger a cidade e os seus interesses comerciais. O pelourinho em especial é o elemento mais emblemático da cidade, e a sua história entre o poder central e o escravo.

A Cidade demonstra a criação de uma nova civilização resultante do branco e negro ou outras raças vindas de outro continente. Tem uma cultura influenciada, um pouco europeia, um pouco africana e até americana, Brasil em particular.

A ressonância da Cidade Velha reflecte mundialmente o nascimento do comércio de escravos e lembra a toda humanidade o sofrimento de toda África.

Entretanto monumentos de grande destaque são salvos das ruínas moribundas, A capela de S. Francisco encontra um telhado, e serve a população de eventos culturais, S. Filipe encontra linguagem com paredes reparadas com visitas de turistas, casas particulares fazem parte da arquitectura tradicional, e criam a harmonia na paisagem da cidade.

Capítulo II

2 EVOLUÇÃO E HISTÓRIA

2.1 Descoberta da Ilha e da Ribeira Grande

O arquipélago de Cabo Verde situa-se a 500km da costa ocidental africana, em frente à costa senegalesa e da Guiné, formado por 10 ilhas das quais somente 9 são habitadas. Estão divididas em dois grupos: grupo do Norte, Barlavento com seis ilhas, Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Boavista e Sal; e o grupo do Sul, ilhas do Sotavento, Santiago, Fogo, Brava e Maio. Em total o arquipélago ocupa uma área de 4033km².

Embora o tema seja discutível e duvidoso, em relação à data exacta do seu descobrimento, vários documentos pesquisados afirmam que Cabo Verde foi descoberto por Diogo Afonso e António da Noli, no tempo em que D. Infante se encontrava vivo, em 1460.

Contudo não se exclui a hipótese que o arquipélago fosse conhecido e vivido por outro povo anteriormente. Cabo-verdianos afirmam que já era conhecido, portugueses contradizem. Na falta de documentação dessa época, a maioria dos documentos escritos encontrados sobre a sua história basearam-se na versão oficial, e com esta dissertação acontece o mesmo.

“Ao terceiro dia avistamos terra, e gritando todos Terra, Terra, muito nos maravilhámos, porque não sabíamos que naquelas paragens houvesse terra alguma; e mandando subir ao mastro dois homens, descobriram duas grandes ilhas: o que sendo-nos noticiado demos graças a Deus Nosso Senhor que nos levava a ver cousas novas; porque bem sabíamos que destas ilhas não havia notícia alguma em Espanha. E julgando nós que elas podiam ser habitadas, para saber mais cousas e provar nossa ventura, fizemo-nos na volta de uma delas, e em pouco tempo nos achamos perto. [...] Meus homens partiram, pois, mas não acharam nada mais que terra desabitada e uma grande quantidade de pombos que se deixavam apanhar à mão, não conhecendo ainda o que fosse o homem; e dos que mataram com paus e massas, trouxeram muitos para a caravela. Quando estiveram na montanha, houve vista de três outras ilhas grandes, das quais não tínhamos apercebido. [...] Ainda lhes pareceu ver da parte do Poente, muito metidas pelo mar adentro, outras ilhas, mas não se enxergavam bem devido à sua grande distância; e a estas não cuidei de ir, tanto por não perder tempo e seguir minha viagem, como por julgar que eram desabitadas e selvagens como eram estas outras. Mas depois pela fama destas quatro ilhas que eu tinha encontrado, outros que aqui chegaram as foram descobrir; e acharam serem dez ilhas, entre grandes e pequenas, todas desabitadas, não encontrando nelas se⁷¹ não pombos e aves de estranhas sortes, e grande pescaria de peixe. (Cadamosto , 1956, p. 194, grifos nossos).^{7”}

Nessa altura os portugueses viviam uma época de descobrimentos, com processos de estabelecimento nas ilhas da Madeira e Açores. Em 1462, o herdeiro de D. Henrique, D. Fernando entrega a ilha de Santiago dividida em duas capitânias conforme descoberto o arquipélago de Norte a Sul. Diogo Afonso fica com a parte norte da ilha, por ter descoberto as

⁷“Viajante genovês a quem se atribui o status oficial de descobridor das ilhas de Cabo Verde.” In Memórias de África, p.71



Fig. 1 Mapa do mundo com indicação da localização do arquipélago de Cabo Verde e as respectivas ilhas.

ilhas do Norte, e António da Noli fica com a parte sul da ilha, por sua vez, ter descoberto as ilhas do Sul. A capitania do sul começou na Ribeira Grande, em Setembro do mesmo ano, quando o genovês António da Noli muda-se para Cabo Verde, trazendo com ele familiares e alguns casais de Portugal. Funda a cidade Ribeira Grande.

2.2 Localização e a sua Importância

A antiga Ribeira Grande situa-se no sul da maior ilha de Cabo Verde, Santiago, fundada em 1462. Tem como aspecto favorável a proximidade que tem com o continente africano. Situa-se a 12km da actual capital dos pais, Cidade da Praia.⁸

Após as grandes descobertas das ilhas atlânticas, verifica-se uma grande relação entre elas, nomeadamente quanto aos seus núcleos estarem instalados em baías enseadas assegurando assim a construção de um porto, e ao mesmo tempo a existência de cursos de água.

São três factores muito importantes na escolha do local, assim como mais tarde, para o desenvolvimento.

No caso da Cidade Velha, esta foi assente num fundo e estreito vale atravessado por duas ribeiras que se ligam num só curso de água, chamado de Ribeira Grande. Limitado de um lado e outro por vertentes íngremes que terminam em grandes planaltos, servindo deste modo para a protecção de ventos vindos do Norte. Instala-se aqui o porto benéfico a navegação e desembarque em terra, muito importante no comércio da cidade. Os primeiros edifícios como armazéns alfandegários, e mais tarde o largo do Pelourinho.

Em pontos altos e estratégicos instalaram-se fortes e baluartes (baluartes de S. Veríssimo, 10m e de S. Brás 20m ligados por uma muralha)⁹ com vista privilegiada para a cidade, as montanhas, porto, e o mar, empregando postos de vigia para a defesa destes.

O elemento da água, associado a sobrevivência contribuía para as práticas agrícolas, a criação do gado e a construção.

Portanto, a cidade é desenhada conforme a sua natureza geográfica. As montanhas escarpadas ofereciam protecção dos ventos, os planaltos uma defesa eficaz, e a ribeira sobrevivência.

2.3 As Elites da Cidade Velha

A análise económica da cidade depende em geral da sua sociedade, por isso analisaremos primeiro o “povoamento e as elites da Cidade Velha”¹⁰.

Existe uma grande dúvida, se havia ou não população local no arquipélago de Cabo Verde, antes de os portugueses terem lá chegado, os grandes historiadores dizem que seria possível, já os portugueses negam essa possibilidade. De facto não há documentos que o provem, mas

⁸ Retirado de várias fontes.

⁹ Ver no 3.2. Orografia.

¹⁰ Texto escrito com base nos excertos de Cabral, Maria Iva, *As elites da Ribeira Grande (séculos XVI-XVIII)*, (Inquietações de um doutoramento).

não se pode negar que os cabo-verdianos são o povo intermédio os “*filhos da terra*”, *mestiços*¹¹ entre brancos e negros.

A “Cidade Velha é dirigida nos séculos XVI a XVIII por três tipos de elite, que poderiam evoluir conforme os ritmos da sociedade”¹².

A primeira elite no século XVI, urbana, nobre, cosmopolita, armadora, proprietária rural, parte da população que está muito perto do reino, muitas vezes com familiares a trabalhar para a Coroa, o que contribuía para que certos assuntos fossem tratados directamente com o Rei. Esta era a elite onde se concentrava o poder, a autoridade, influência, dominava a sociedade de Santiago e a costa da Guiné. Todos os conflitos que a sociedade passava, afectavam essas elites também. Neste século os cabo-verdianos ainda não existiam praticamente, e o que predomina aqui, são os *reinóis* e os escravos, “*os homens livres pretos são pouco numerosos e os homens brancos pobres ou fazem parte da clientela dos armadores ou integram a população flutuante: artesãos, marinheiros e pequenos comerciantes que aportam à cidade da Ribeira Grande e aí residem pouco tempo.*”¹³

A partir dos finais do século XVI parte da elite de nobreza insular começa a extinguir-se e é substituída pelos “filhos da terra”, apelido atribuído por Iva Cabral aos “filhos mestiços entre brancos e negros, muitas das vezes filhos ilegítimos da elite anterior. Uma sociedade intermédia que começa a tomar conta dos espaços sociais. Mas ao contrário da primeira elite que possuía poder económico e tinha acesso directo ao Rei, os nativos cabo-verdianos comunicavam-se através da Câmara, os tratos comerciais eram feitos através de cartas de procuração, contractos comerciais ou letras de câmbio”¹⁴.

A situação económica vem a piorar quando depois da Restauração em 1640, o poder central mostra cada vez menos interesse pelas ilhas e mais interesse em desenvolver o Brasil. Assim que o arquipélago entra em abandono por parte do poder central, ficando somente a população pura cabo-verdiana, os chamados “brancos da terra” (que inclusive podem ser pretos), os que nasceram na terra. Esta população já não é urbana como as primeiras, os interesses económicos são à base de agricultura e pesca, encontram na filiação à Milícia a única forma de enobrecimento: são os ditos capitães e coronéis.

2.4 Desenvolvimento Económico

A ausência de recursos matérias, intempérie de clima, a não adaptação das plantas mediterrânicas eram razões para os europeus não quererem vir para Cabo Verde. Sendo assim a Coroa teve que adoptar uma estratégia para povoar e desenvolver a economia na ilha. Os moradores da Ilha poderiam praticar comércio livre na costa africana, podendo fazer trocas de qualquer coisa, mas só podiam ser utilizadas se o rei aprovasse.

¹¹Termo utilizado por Iva Cabral, em vários textos.

¹² Texto escrito com base nos excertos de Cabral, Maria Iva, *As elites da Ribeira Grande (séculos XVI-XVIII)*, (Inquietações de um doutoramento).

¹³Cabral, Maria Iva, - Op. Cit. p. 3.

¹⁴ Op. Cit. p. 6.

O rei até conseguiu alguma percentagem de povoação da ilha, mas os moradores instalaram-se somente com o intuito de usar a baía desse vale como porto de escala para as suas relações comerciais entre Portugal e África.

Com a *Carta Régia de 1466*¹⁵ os povoadores de S. Tiago tinham vantagens de exploração directa, ao contrário dos *dependentes*¹⁶ (escravos), que não tinham qualquer direito.

A localização perto da costa africana e as isenções fiscais colocavam a ilha em vantagem perante outras regiões do reino, sendo que o maior objectivo seria dos mercadores atingirem a costa africana. *“São Tiago estaria mais bem localizado para realizar poupanças nos custos de transporte, tempo, alimentação e ainda correria menos riscos que alguém residente na ilha da Madeira, Açores ou no reino.”*¹⁷

Mas a mesma carta Régia de 1466 traz à cidade novos moradores, que criam na Ribeira Grande novos postos de trabalho, escritvães, almoxarifes e recebedores, *tributadores*¹⁸, o que não contribui para um desenvolvimento positivo da cidade. Entretanto o rei fica incapacitado financeiramente, e outros países poderosos da Europa fazem-lhe frente ao mostrarem-se interessados neste comércio. Ameaçado, o Rei limita o poder comercial dos moradores na costa Africana e proíbe a comercialização de parceria estrangeira (1472), piorando ainda mais a situação: *“Pois a capacidade produtiva dos moradores condicionada por falta de meios financeira, condições naturais da ilha, distância da metrópole, deficiência dos meios de transporte e comunicação, era limitada nesse momento.”*¹⁹

O povo começa a desobedecer à Coroa, continuando no sector primário, baseado no comércio, mas a recorrer à escravatura negra da costa africana, para a mão-de-obra: plantações de cana-de-açúcar, produção de algodão, tecelagem de panos, criação de gado, escravos domésticos ou de “quintal”²⁰.

2.5 A Forma e o Crescimento Urbanístico

A cidade divide-se em zona *baixa* e zona *alta*²¹. Zonas limitadas por vários factores de natureza geográfica que criam os principais eixos sobre quais a cidade se espalhou. Estes cruzam-se no largo do pelourinho, formando uma centralidade onde praticamente nasce a cidade.

Através do estudo do relatório do PDM da Ribeira Grande de 2011 e a análise histórico-formal do espaço urbano da Cidade Velha nos séc. XV-XVIII de Fernando Pires, consegue-se visualizar as características dos eixos:

¹⁵ Cabral, Maria Iva, e Santos, M. Emília Madeira, *O primeiro centro urbano colonial nos trópicos: Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XVI-XVII*, p. 2., que retirado de ANTT, *Místicos*, liv. 3, fls. 58 v.-59, 12 de Junho de 1466, *História Geral de Cabo Verde - Corpo Documental*, citado *infra* HGCV-CD, vol. I, Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Lisboa - Praia, 1988, doc. 2, pp. 15-16.

¹⁶ Termo utilizado por Iva Cabral, em vários textos.

¹⁷ Correia, Eduardo Gomes, *As Potencialidades Turísticas e Preservação Ambiental e Cultural da Cidade Velha*, 2006, de <http://www.portaldocohecimento.gov.cv/handle/10961/1779>., p.10

¹⁸ Correia, Eduardo Gomes, - Op. Cit. p.11

¹⁹ Op. Cit. p.13

²⁰ Op. Cit. p.13

²¹ Correia, Eduardo Gomes, Op. Cit p.17

O eixo *vertical* tem início na baía e vai seguindo a linha do vale até à nascente da ribeira. Ao longo dessa rua *Direita de S. Pedro* vê-se como a cidade está dividida em duas partes, a margem esquerda é na maioria habitações e do lado direito vem uma continuação desde do Pelourinho de edifícios com funções ligadas ao porto e à administração.

O eixo *horizontal* por sua vez nasce no Largo do Pelourinho junto ao forte do Presídio, acompanha a linha da costa e direcciona-se para o forte de S. Lourenço. Esta “rua *Direita da Cidade*, por sua vez, passa por dentro dos bairros de Santa Marta e São Braz a nascente, São Sebastião e Sucupira a poente”²².

Sem documentação original das projecções urbanísticas, mas com um delineado edificado, mesmo que muito em ruínas, percebe-se uma inicial mancha urbana que se concentrava na parte direita da ribeira, construções ligadas a habitação e comércio.

Conforme as barreiras geográficas limitavam a construção, o núcleo alastrou-se mais a norte continuando na margem direita, e mais tarde começou a difundir-se para a esquerda, desenvolvendo a malha habitacional da cidade com os elementos monumentais que hoje fazem parte da cidade histórica.

Quando a cidade começa a expandir-se e a investir no espaço urbano com grandes obras religiosas e defensivas, começa a ser atacada e praticamente destruída por piratas. A cidade ainda tenta implementar sistemas mais defensivos e estratégicos, mas estes não são úteis por muito tempo, o poder central deixa a cidade ao abandono e esquecimento, desacelerando assim a sua economia, e a capital passa para a vila da Praia.

²² RELATÓRIO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - VOLUME I - CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO Setembro de 2011, p.30.

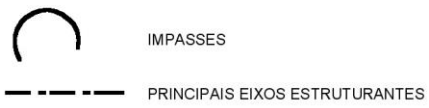
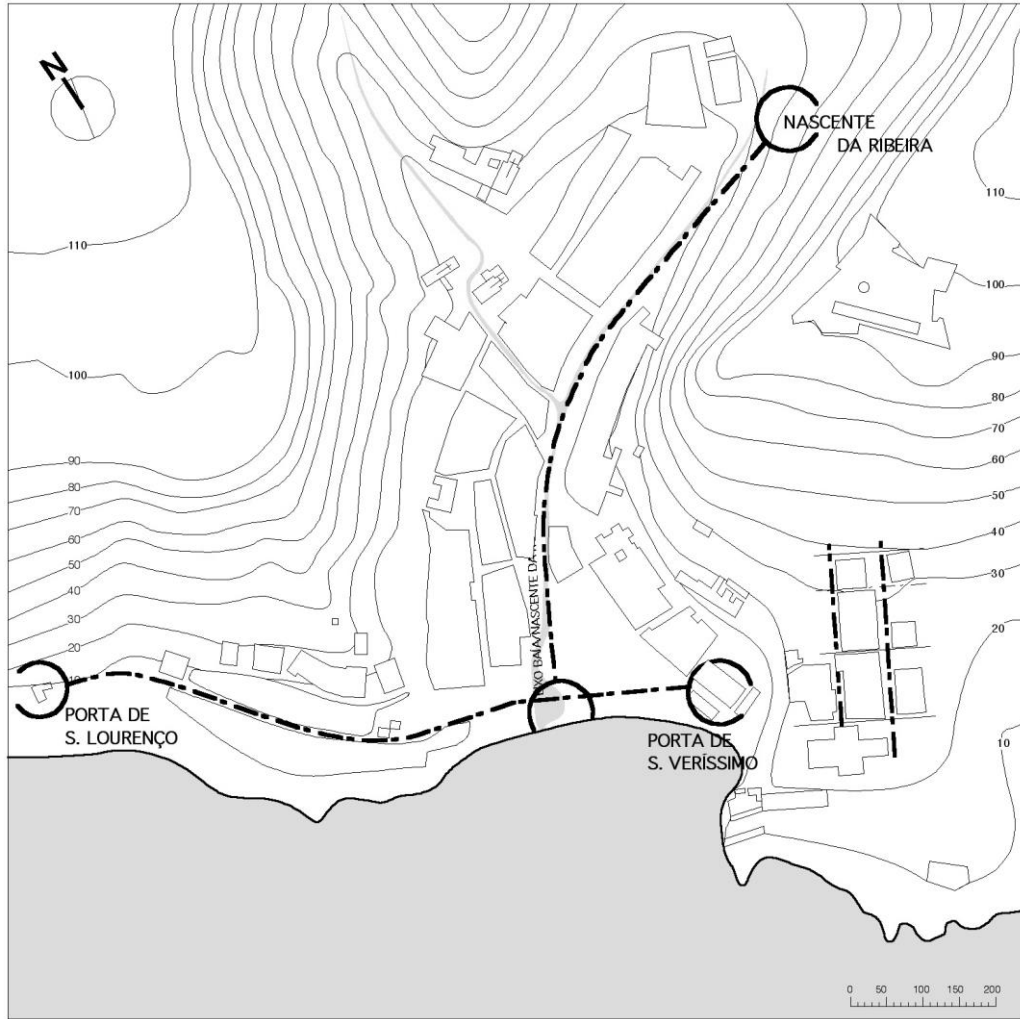


Fig. 3 Principais eixos geradores do tecido urbano

Capítulo III

3 OFERTA E ANÁLISE GEOGRÁFICA

A Cidade Velha foi construída delineando os factores de ordem natural geográfico, nomeadamente o relevo. O seu aglomerado dependia também da proximidade do mar, do clima, e mesmo da ribeira que desaguava no Atlântico, que de início tinha sempre água corrente.

3.1 Clima

O clima na Cidade Velha é definido como intertropical seco, de tipo árido, temperaturas elevadas e chuvas escassas e concertadas num curto espaço de tempo.

Duas estações principais que a determinam, a seca e a húmida: A primeira de Dezembro a Junho, definidas por massas de ar húmida de Nordeste e Harmatão (vento quente e seco que sopra do leste)²³. A segunda estação, a das chuvas, de Agosto a Outubro, sendo que entre Julho e Novembro considerados meses de transição é normal não haver precipitação alguma.

O clima na cidade é importante na sua economia, tendo em conta que as principais actividades exercidas no concelho dependem da influência climática.

Estudando um pouco do *Accuweather de Cidade Velha*²⁴ vimos como as temperaturas máximas e mínimas oscilam entre si, e calculamos as médias de cada mês, desde agosto de 2013 voltando para atrás até Setembro de 2012.

3.1.1 Temperatura

O Quadro 1 e 2²⁵, permitem perceber bem quais são os meses mais frescos e mais quentes, chegando à conclusão de que a temperatura média da Cidade Velha ronda os 25°,5C. Tanto o gráfico como a tabela mostra-nos como a temperatura é variável ao longo dos meses. Os meses de Julho e Novembro são considerados meses de transição, entre Junho e Dezembro a temperatura é mais baixa com uma média de menos de 21°C. Dos meses que estudamos o mais frio foi o de Fevereiro de 2013 com 18°,9C.

Verifica-se que o mês de Fevereiro além de ter as temperaturas mais baixas também apresenta uma subida de temperaturas máximas para 27°C em comparação com os meses que o envolvem, Janeiro e Março com 26°C. Depois de Março a temperatura subiu com um decréscimo das temperaturas máximas, em Abril para 25° e mínimas 20°C., respectivamente, continuando a subir até Julho.

De Agosto a Outubro a temperatura é influenciada pela frente intertropical, apresentando-se invariável, pois tanto é de 25°C mínimas, como máximas de 32°C., o mais

²³ AMARAL Ilídio do, 1964. *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar*, 2º sér. nº48, Lisboa. p. 23-75. e RELATÓRIO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - VOLUME I - CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO, Setembro de 2011, p.13-14.

²⁴ Retirado de <http://www.accuweather.com/pt/cv/cidade-velha/55658/weather-forecast/55658> em 14.08.2013.

²⁵ Cálculos, Quadro 1 e 2: Autor da dissertação.

quente em Outubro de 2012. O Quadro 3²⁶, apresenta alguma indicação de chuvas, em Setembro do passado 2012, Julho e Agosto deste ano.

As “noites são relativamente frescas, podendo as madrugadas serem um pouco frias”²⁷.

As “temperaturas máximas encontram-se de dia entre as 11h e 15h, diminuindo progressivamente durante a tarde e mais depressa ao pôr-do-sol, baixando regularmente até ao mínimo de madrugada”²⁸.

O facto de à noite não arrefecer muito, faz com que de dia aqueça muito mais, sendo assim perigoso para a saúde humana. A cidade também ela própria cria um microclima encontrando-se dentro de um vale, protegido dos ventos de Nordeste.

Mês	Temp. Max. Media	Temp.Min Media
Set	30°	26°
Out	32°	26°
Nov	30°	25°
Dez	27°	21°
Jan	26°	20°
Fev	27°	19°
Mar	26°	19°
Abr	25°	20°
Mai	28°	22°
Jun	29°	24°
Jul	30°	26°
Ago	30°	25°
Med. Anual	28°	23°

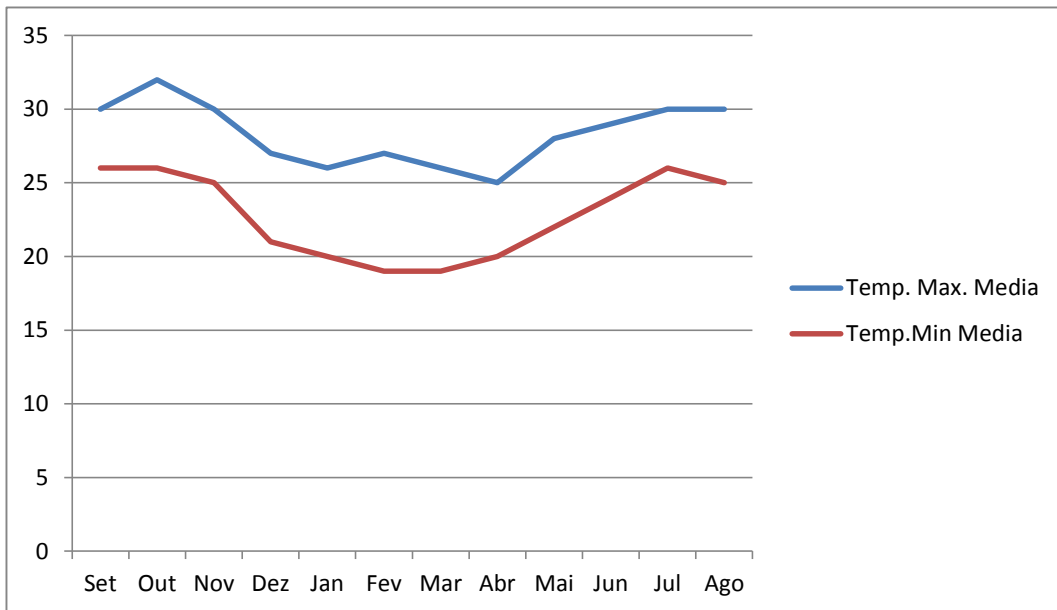
Quadro: 1 Temperaturas máximas medias e mínimas médias/mês em 2012/2013²⁹

²⁶ Gráfico2: Autor da dissertação.

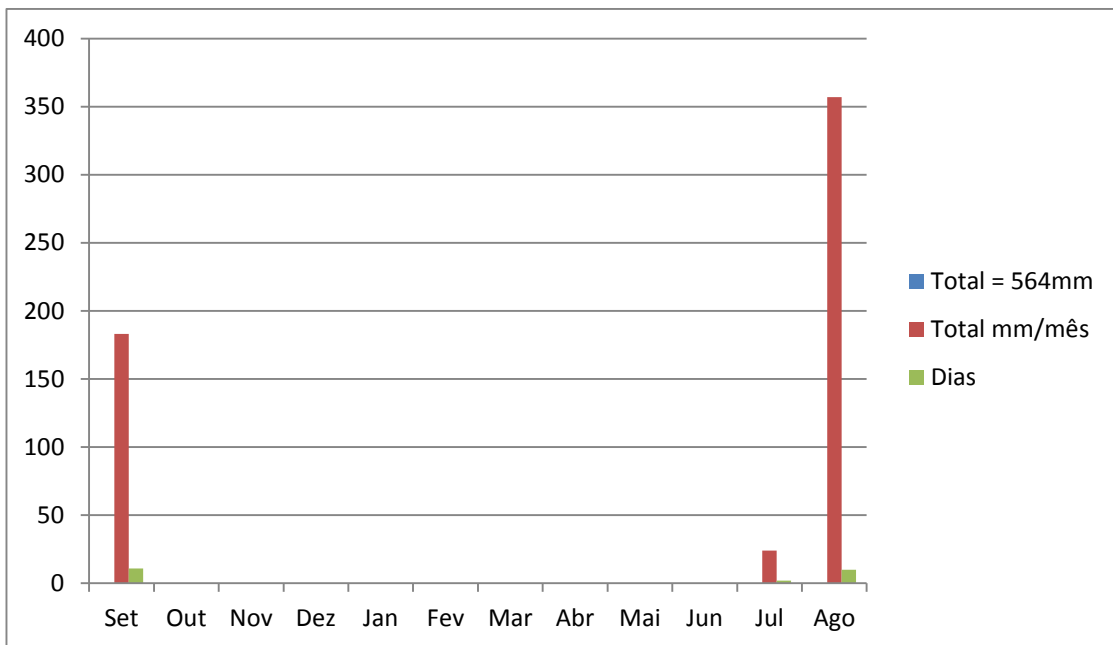
²⁷ AMARAL Ilídio do, Op. Cit. p. 23-75.

²⁸ Op. Cit. p. 23-75.,

²⁹ Tabela desenhada com bases no Accuweather de Cidade Velha em 14.09.2013



Quadro: 2 Temperaturas máximas médias e mínimas médias/mês em 2012/2013



Quadro: 3 Volume das precipitações da Cidade Velha em 2012/1013, mm

3.1.2 Ventos

Os ventos do Norte e Nordeste são os maiores contribuintes para os mais desastrosos acontecimentos durante todo o ano na ilha em geral e na Cidade Velha, apesar de esta estar abrigada pelas montanhas escarpadas, não se livra totalmente de rajadas de ventos.

Normalmente, diz Ilídio do Amaral que é na altura das chuvas que se produzem maiores perturbações neste fluxo. Um caso recente, de Maio em 2012, ocorreu uma tempestade de ventos muito fortes, arrancaram árvores no Largo do Pelourinho e partes de telhados de casas na rua da Banana³⁰.

Devido ao facto de ser litoral, a cidade tende a ter influências das brisas do Atlântico, sobretudo durante o dia. A noite refresca-se com correntes de brisas vindas do leste descendo a montanha e cruzando-se com o calor da terra montanhosa, criando uma temperatura agradável.

De Janeiro a Junho prevalecem os ventos do Norte, e nos restantes os do Nordeste. De Julho a Setembro também podem soprar ventos de Sul e oeste.

Segundo Ilídio do Amaral, uma pressão de vento maior vem por volta das 10h, o mínimo é as 16h, e o máximo secundário é as 22h.

3.1.3 Humidade/Chuvas

O volume das precipitações da Cidade Velha que se registaram no ano passado foram relativamente modestos, como é normal nos outros anos, apresentando-se de igual modo, ou menores. Só no passado mês de agosto registaram-se um total de 357mm em dez dias, ao fim do 7º dia, este mês registou uma precipitação máxima de 105mm. Julho foi o segundo mês a apresentar precipitações de dois dias com apenas 12mm em cada, e no ano 2013 em Setembro registaram-se 183mm precipitações em 11 dias com um máximo de 73mm e foi pouco depois de agosto ter ficado para trás, no dia 2 de Setembro.

Isso indica que estamos a falar da Estação Húmida, influenciada pela frente intertropical.

“A um ano de boas chuvas pode suceder um ano muito seco; num determinado mês o valor da precipitação pode variar do simples ao triplo, correndo as águas nos leitos normalmente secos, arrastando com a sua espantosa impetuosidade todos os obstáculos. Isto dura um número pequeno de dias. Duas áreas vizinhas muito embora possam ter condições geográficas semelhantes, podem registar altura pluviométricas muito diferentes. E, não raras vezes, o habitante vê, com grande tristeza, chover no mar, sem que uma gota de água venha a dessedentar a terra seca, onde as culturas começam a estiolar-se.”³¹

³⁰ NEVES,B., RTC 02.05.2012, retirado de http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4164 em 6.06.2013

³¹ AMARAL Ilídio do, 1964. *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar*, 2º sér. nº48, Lisboa. p. 39

A Ribeira da Cidade Velha apresenta-se seca, cada vez mais, ao longo dos anos. No entanto é sempre um perigo para a edificação no seu leito, pois a maioria da população engana-se a seu respeito. “A violência das chuvas costuma criar danos graves”.³²

A humidade varia conforme a altitude do terreno, o facto de a cidade se encontrar a uma cota inferior a 100m desde o nível do mar, faz com que os ventos húmidos de leste avancem o oceano e embatendo nas encostas das montanhas perdem a humidade. “A cidade fica com o clima árido, terras de achadas pedregosas”³³.

O clima da cidade relaciona-se com os solos e a vegetação numa extrema instabilidade devido a escassez e irregularidades das chuvas, a acção dos ventos, e a respectiva humidade. Ao mesmo tempo as condições climatéricas variam à medida que a altitude aumenta, diminuindo a aridez, a pluviosidade aumenta e o seu relevo cria zonas de microclima.

3.2 Geomorfologia

A cidade velha é limitada do seu lado oeste e leste por vertentes íngremes, que terminam em grandes planaltos de basalto, acabando por ter *zona baixa e zona alta*.³⁴ A *zona baixa* tem uma certa coerência entre as suas largas plataformas contínuas onde também está instalado o corpo principal da cidade. Inicialmente assente sobre uma cota de 5 metros acima do mar, onde o Largo central se expõe, alargando a cidade para o Norte do vale até à nascente da ribeira e para poente dando continuidade à plataforma que a antecede.

A *zona alta*, uma zona muito mais escarpada, continua da cota 20, íngreme até a cota 40, e continuando por uma zona intermediária onde as escarpas são muito mais acentuadas onde não foi possível erigir qualquer tipo de construção, assim, quando chegamos à cota entre 90 e 100 metros o terreno desfruta de um declive desacentuado, e portanto aqui foi construída a fortaleza de S. Filipe³⁵.

3.2.1 Os Materiais e o Solo

Originária de rocha vulcânica, o solo da cidade, apesar de diverso apresenta-se pouco fértil.

Em base de rocha de basalto, predominante em toda a ilha, ocupa cerca de 80% da área total do arquipélago³⁶. Tendo em conta as chuvas irregulares concentradas em mais ou menos 3 meses por ano, chegam e humedecem apenas a parte superior do solo seco, sem dar tempo à sua infiltração nas camadas inferiores, limitando assim a sua vegetação a esse tempo húmido.

Cidade Velha está sobre planaltos do litoral, onde os ventos costumam limpar os elementos mais finos, deixando pedregulhos, e blocos de rocha mais ou menos eolizados.

³² PIRES, F.

³³ AMARAL Ilídio do, 1964. *Op. Cit.* p. 39-45.

³⁴ Pires, F. de Jesus Monteiro do Reis, *Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano séculos XVI-XVIII*, 2004, Mindelo. p. 101

³⁵ Pires, F. de Jesus Monteiro do Reis, *Op. Cit.* p. 96.

³⁶ AMARAL Ilídio do, 1964. *Op. Cit.* p. 77-149.

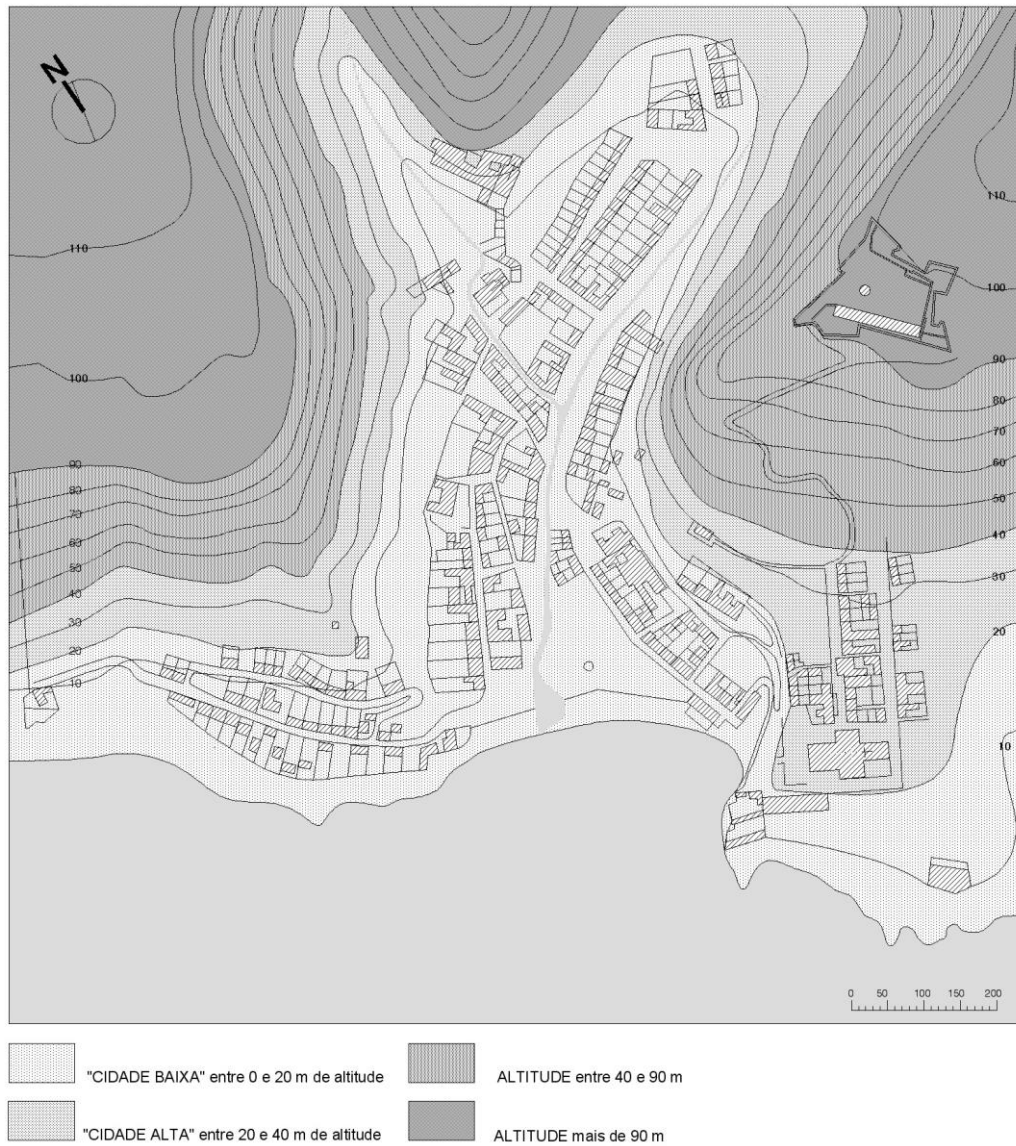


Fig. 4 Planta indicando as plataformas de implantação da cidade

A areia é originária da desagregação das rochas pela acção do vento e da chuva, até formar grãos muito reduzidos, areias basálticas ou calcárias. A população de Cidade Velha, tinha como hábito extrair areia directamente da praia, o que não é recomendado, sendo escassa e com extracções altera o equilíbrio ambiental³⁷. A disposição do terreno é muito mais montanhoso que plano, as águas do Atlântico demoram a assentar areias de volta nas suas praias, causando imprevistos ecológicos. Tendo em conta que a areia funciona como filtro e retentor das águas do mar, evitando que estas entrem nos terrenos próximos e causem danos ao terreno de cultivo. Assim recomenda-se o uso de áreas mecânicas, que consistem na trituração mecânica das rochas.

A brita ou o cascalho de pedra basáltica, de 15 a 30mm, usadas no betão armado para as coberturas, vigas e pilares.

3.2.2 Vegetação

O clima é a principal causa da vegetação em Cabo Verde ser limitada. Nos meses de Dezembro a Julho, o cenário paisagístico é defunto, com plantas secas sustentadas por espinhos agressivos, a terra aparece vermelha e pedregosa, já na estação curta de humidade a cidade enverdece.

A vegetação submerge suas raízes por baixo de um solo originário de diversos elementos degradados e decompostos pela erosão das rochas, ou matérias orgânicas. Descreve-se com espécies herbáceas, fracas de folhas aceradas na extremidade, alguns arbustos e árvores espalhadas por aqui e ali inclinadas na direcção dos ventos dominantes. As árvores mais vistas são as acácias e a figueira, que das suas sombras fazem a cidade parecer mais rural que urbana.

*“Acácia álvida Delile (espinheiro-branco), muito espinhosa, de ramos nus na estação chuvosa; Acácia Farnesiana ou a Acácia Nilótica, muito semelhantes e que recebem em linguagem corrente o mesmo nome que «espinheiro-preto» - que podem atingir de 5 a 8m de altura.”*³⁸.

Dentro dos vales a vegetação torna-se ligeiramente mais rica, apresentando uma variedade vegetal trazida de África e América que foi adaptada ao clima local. Aqui é costume praticar-se agricultura de regadio, criando uma flora mais exótica, abastada de árvores frutíferas, arbustos, palmeiras e herbáceas.

Os espaços vazios, terrenos mais escarpados nas encostas ou nos contrafortes das falésias do vale são dominados por vegetação rasteira nomeadamente cana-de-açúcar, planta há muito introduzida na Ribeira Grande. Bastante considerada na economia da cidade, pois é utilizada no fabrico do açúcar e exportado para Portugal, também no comércio com a costa

³⁷ Op. Cit. p. 77-149.

³⁸ AMARAL Ilídio do, 1964. *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens, Memórias da Junta de Investigações dfo Ultramar*, 2º sér. nº48, Lisboa. p. 163

africana essencialmente sob forma de grogue (aguardente-Rhum), a bebida mais popular de Cabo Verde³⁹.

Além do Homem ter trazido certos tipos de vegetação para a ilha, as correntes marinhas e ventos também contribuíram para a sua introdução. As aves também contribuíram para a inserção de sementes neste laboratório vivo de experiências.

³⁹ Vários - Op. Cit.

Capítulo IV

4 A IMAGEM DA CIDADE

4.1 Arquitectura da Cidade

Há sempre uma paisagem especial que a cidade oferece aos seus hóspedes ou moradores, livros, revistas ou publicidades. Essa paisagem é a referência de um lugar, ou de um edifício só, mas a imagem que o observador vê difere muito de pessoa para pessoa, depende do seu ponto de vista, o seu estado de espírito, e a sua vivência com o local.

A imagem da cidade, assim como a sociedade, têm significados referentes à história vivida, à função, à área. O nome também tem um significado na imagem da cidade, como o caso de Cidade Velha, que reflecte uma história, o nascer de uma nação. A capital que abandonada e esquecida ficou como Cidade Velha, passando a capital para a Cidade da Praia.

A imagem da Cidade Velha é dominada por cores como o castanho das montanhas despidas e áridas, o verde da vegetação no interior do vale. A cidade pode ser vista através de vários pontos da urbe onde é possível observar panoramas diferentes. Visualiza-se em seguida a imagem da cidade com uma descrição dos locais que mais destaque têm na paisagem.

A vista do *cimo da montanha* escarpada, oferece o mar e o verdejante do vale compondo a paisagem, a cidade tímida e quase despercebida. É no interior da fortaleza de S. Filipe que pode-se ter essa visualização paisagística.

Vista do *mar*, a cidade é camuflada entre as montanhas e o verdejante das acácias, palmeiras e mangueiras, dando lugar de enaltecimento a alguns edifícios mais significativos, que para isso foram construídos e pensados. Observando a Gravura de Joannes van Reulen de 1935, percebe-se à descrição de F. Pires, quando afirma que “à Sé Catedral e o Bairro de S. Sebastião, destacam-se não só pela sua localização a uma cota mais elevada, como, pelo seu tamanho imponente. Além de que o bairro também marca a visão pela sua aridez. Outros elementos se destacam deste ponto de vista, como as igrejas de S. Roque, Monte Alverne e a Ermida de Sta. Luzia que estão distribuídas em lugares estratégicos que mais parecem estar a disputar entre si o lugar de maior destaque na paisagem urbana”. O relatório da UNESCO 2008 *Centre Historique de Ribeira Grande* revela uma imagem actual da cidade vista do mar, onde se pode confirmar o Bairro S. Sebastião e à Sé Catedral devastada num ponto alto sobre rochas castanhas, gastas pela erosão. Contudo assiste-se a um contraste evidente entre as montanhas escarpadas e a vegetação.

No *lado poente da cidade*, onde os efeitos da urbanização são mais rarefeitos, é de notar a mancha construída das casas dos Jesuítas e a fortaleza de S. Lourenço, com a sua muralha do mar, que parece descer a encosta em direcção ao forte.

A *vista do interior do vale*, renova a imagem da cidade, de maneira que daqui as montanhas perdem protagonismo, e o sítio onde estamos ganha uma escala maior do que vista do mar. No interior das estreitas ruas que proporcionam pequenas casas, construídas em

pedra, algumas pintadas de branco, outras de ocre, e outras deixadas com as fachadas em pedra.⁴⁰

De acordo com o espaço net, <http://www.360globe.net/cape-verde/santiago/cidade-velha.html>, conseguiu-se ter uma visão panorâmica da cidade, assim que permitiu-se com mais facilidade descrever alguns dos sítios da cidade.



Fig. 5 A cidade vista do mar actualmente

⁴⁰ Todo o texto desta introdução foi escrito com bases no trabalho de Pires, F. de Jesus Monteiro do Reis - Op. Cit., p. 171-180.



Fig. 6 Vista da cidade do cimo da montanha



Fig. 7 A. Rua do Calhau; B. O Vale da Ribeira Grande; C. A vista da cidade do interior do vale

4.1.1 Vias

As vias, são canais dinamizados no dia-a-dia ou casualmente. Através das vias contemplamos a cidade ou outros elementos à medida que passeamos nelas.

As vias integram os elementos predominantes da cidade, embora a sua importância varie com o grau de conhecimento da cidade.⁴¹

Para a imagem da cidade as vias são elementos importantes para a orientação do observador, ou seja quem conhece a cidade vai referir um ponto marcante e quem a desconhece usará o nome das vias. Mais tarde “poderá usar a memória do aspecto visual da via, larga ou estreita, direita ou em curva, aparência dos seus edifícios, comercial ou habitação”⁴².

As vias da Cidade Velha são criadas a partir de dois eixos que se cruzam entre eles e desenham-se serpenteando as formas que a geografia lhes oferece. Um eixo vertical e outro horizontal, encontram-se no largo do Pelourinho. Estes contribuem para a construção da sua malha urbana⁴³.

É de notar que a Cidade tem distintas formas de regular o seu espaço, encetando na divisão de zona alta com malha regular em terreno plano, e zona baixa malha mais orgânica em terreno mais acidentado⁴⁴. O bairro com um traçado mais regular é o S. Sebastião, teve a sua construção mais recente, praticamente no fim da Ribeira Grande, distingue-se a intenção rítmica entre paralelismo e perpendicularidade das vias que foram talvez estudadas previamente. Já os primeiros bairros foram moldados conforme o terreno existente, mais perto das actividades portuárias e depois onde havia espaço em direcção a norte, construía-se com o mesmo organicismo da orografia: Largo do Pelourinho, bairro de S. Pedro e S. Brás.⁴⁵

F. Pires descreve três tipos de malha na sua tese: *malha regular* dos quarteirões do bairro de S. Sebastião, *malha orgânica* nos quarteirões do S. Pedro, e de malha “*tendencialmente regular*” acha-se no largo do Pelourinho e no bairro de S. Brás.

A zona do Pelourinho, o primeiro núcleo na Cidade Velha é dotado de algumas construções relacionadas ao comércio do porto. Do lado nascente é limitada pelas ruas contíguas que se relacionam com o porto e o cais, e direccionam o observador para dentro da cidade mudando gradualmente de nome, Porto, Calhau e Misericórdia. Estas por sua vez são atravessadas por becos como Confrarias e Misericórdia. Ao longo dessas ruas nascem os primeiros quarteirões, e respectivas casas de dois pisos normalmente uma loja no rés-do-chão e habitação no piso superior, fachadas coloridas com uma porta ao meio, uma ou duas janelas simétricas e emolduradas com uma cinta branca, alguma das fachadas deixada em pedra e cal para conservarem a frescura.

⁴¹ LINCH, Kevin, (1960), *The Image of the city*, ed. 70, Lda., Outubro 2003, Lisboa, p. 60.

⁴² LINCH, Kevin, op. cit. p. 60 - 73.

⁴³ Ver 2.5. A forma e o crescimento urbanístico.

⁴⁴ Ver 3.2. Orografia.

⁴⁵ Pires, F. de Jesus Monteiro do Reis, *Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano séculos XVI-XVIII*, Ed. Universidade de Cabo Verde Mindelo, 2007, web, p. 116-118.



Fig. 8 As principais ruas e becos da cidade

Nesta faixa de três ruas contíguas era onde funcionava o comércio, a agitação, o alarido das peixeiras e as crianças no arrasto dos barcos. O pavimento em pedra da calçada, alguma vegetação à porta de casas, uma ou outra acácia ao longo da rua, e algumas palmeiras. O fim da Rua da Misericórdia intersecta perpendicularmente com a Rua da Praça que outrora dotada da Cadeia e da Câmara (hoje instaladas no bairro de S. Pedro), representavam o poder local e Municipal do burgo.

Do lado oposto do conjunto das três ruas, depara-se com a conhecidíssima rua da Banana, que pertencente ao bairro de S. Pedro, tem uma visão como se o interior do largo penetrasse para dentro da rua destinada a nobreza e a burguesia. Nos exhibe casas de um só piso, típicas de pedra basáltica e cobertura de colmo, uma ou outra pintada de azul e cobertura de telha, com duas águas. As entradas dessas casas são muito características também, contêm um degrau ou dois até à porta, e nas suas laterais uma ou duas janelas simétricas, protegidas dos raios solares por umas portadas pintadas de azul, verde, vermelho ou castanho. Por vezes um pequeno pátio à frente da casa que pode ou não ter um murete de pedra que cerca uma espécie de jardim com flores, palmeiras, cactos, etc. Outras vezes essa espécie de jardim-pátio pode confundir-se com a via, servindo também de espaço social. A rua é de dimensões reduzidas, praticamente pedonal, costuma-se ver habitantes vizinhos a socializar, crianças a brincar, e turistas a passear. Em uma ou outra dessas casas conseguimos ver da rua o pátio interior ocupado de estendal para secar roupa. A via é coberta de pedra rochosa típica da zona, alguns candeeiros de iluminação nocturna observam-se ao lado de um murro de pedra que separa a via dos terrenos agrícolas de onde se exibem uma variedade vegetativa, entre cactos, palmeiras altas e baixas, arbustos, mangueiras etc. Recentemente o arquitecto português Siza Vieira reconstruiu esses espaços juntamente com algumas das casas, mantendo seu habitat tradicional e puro.

Atrás da rua da Banana outra rua nobre depara-se com casas abastadas como em cima referido, rua Carreira poderá ter sido regulada e definida pela Igreja Nossa Sra. do Rosário que já antes existia. Sendo assim essas duas ruas semelhantes, praticamente em linha recta apresentam-se como estrutura da própria malha. Kevin Lynch defende que o nome das ruas é importante pois desempenha uma função de orientação. E a rua da Carreira indica ser uma rua onde circulavam as carroçarias, por isso, a sua largura é igual às ruas principais Direitas.

A zona do Pelourinho é o centro onde os eixos estruturantes primários da cidade se cruzam.

O eixo vertical e perpendicular ao Porto estende-se desde da baía a norte em direcção a nascente da ribeira. A rua Direita de S. Pedro acompanha a linha serpenteante do vale, não tendo por isso um alinhamento direito, alargando ao longo do seu percurso não ultrapassa os 30 palmos (PIRES F.). Estabelece um percurso importante na cidade, pelo que sai de uma zona central, portuária e comercial seguindo para o interior da cidade.



Fig. 9 Rua da Banana e rua Carreira



Fig. 10 Rua S. Sebastião e Rua do Calhau

O eixo horizontal nasce no largo, do Pelourinho, junto ao forte do Presídio, seguindo tangente à costa em direcção ao Forte de S. Lourenço, atravessando o bairro de S. Brás. A rua Direita da Cidade é menos sinuosa que à rua Direita de S. Pedro, contorna as curvas de nível adaptando-se ao terreno, a sua largura tem cerca de 25 palmos. Visto de cima faz parte da estrada nacional que liga Cidade Velha à Cidade da Praia.

O largo do Pelourinho liga-se ao bairro S. Sebastião por uma rampa muito inclinada, relevante na paisagem. Curva acentuada, vista de cima a caminho do Forte S. Filipe, olhando para trás vê-se claramente a curva adjacente à Sé.

A cidade não possui ruas directamente ligadas a algum edifício pomposo, como acontece em certas cidades históricas Europeias. Existe no entanto a rua da Sé Catedral que carrega o nome *Direita ao Forte*, tal como o próprio nome indica, e segue ao Forte de S. Felipe.

O largo do Pelourinho é importante na cidade. Pode ser um cruzamento, uma rotunda, um jardim, ou local de comércio. O cruzamento dos eixos estruturantes da cidade, orienta o observador, levando-o automaticamente para dentro da cidade.

A urbe usa como elementos básicos a baía e o vale, eixos através dos quais a cidade foi criando bairros e artérias.

Para hierarquizar as vias é reforçada a importância funcional, a sua largura, o seu comprimento, as suas fachadas, se se trata de habitação ou comércio, os próprios nomes e comprimentos desempenham função e orientação.

Observa-se que ao longo dessa pesquisa os nomes das vias são as designadas, Ruas Direitas, eixos estruturantes de toda a cidade, seguidamente as chamadas ruas que estruturam os próprios quarteirões, e os respectivos becos. As primeiras vias variam entre 30 a 20 palmos e as últimas, 15 palmos. No entanto as ruas de Cidade Velha, tem a história como grande importância e conexão. A cidade não dispõe muitas viaturas, por isso não tem grandes parques de estacionamento.

As suas casas pequenas contribuem para o relacionamento da rua estreita, dando a cidade um parecer mais rural que urbano. A vegetação lateral urbana é muito variada no interior do vale.

4.1.2 Limites

Os limites são fronteiras de orientação, tendo poder de separar fisicamente duas áreas distintas, que podem ser visuais ou físicas. A Cidade Velha possui grandes limites derivados da sua natureza geográfica. A urbe é edificada e limitada por barreiras desde os eixos organizadores de toda a cidade, ao mar e as montanhas escarpadas que dominam a paisagem.

A zona baixa da cidade é praticamente desenhada conforme os limites que as encostas permitem.



Fig. 11 Vista do Forte de S. Filipe, rua marcante na paisagem

A ribeira embora se apresente seca, é certamente uma barreira física, segundo F. Pires, na altura das chuvas abundantes, o caudal da ribeira aumentava, criando arrastos de tudo que encontrava ao seu leito, formando uma lagoa no lugar do largo do Pelourinho.

Quando falou-se das vias, observou-se que o largo do Pelourinho não possui limites físicos com o interior do vale, reparou-se que o largo entra para dentro da cidade através de ramificações viárias, assim como a rua Direita da Cidade passa no largo e segue para S. Brás.

O desentendimento da separação das ruas no espaço deve-se ao facto de o pavimento ser contínuo. Será talvez menos entendido por indivíduos que somente estão de passagem na cidade, e este ligamento parece que os obriga a fazer uma parada no largo que por sua vez os convida a visitar o seu interior.

Um espaço verde onde se pratica algum comércio ambulante, cultura e lazer. O largo apresenta-se sem estacionamentos ou paragem de autocarros. No entanto na via que o circunda quase ilimitada, observa-se alguns carros, não muitos, carrinhas de caixa aberta para mercadorias, ou transporte de passageiros, as chamadas “*Hiaces*”⁴⁶ e alguns autocarros que levam os estudantes para as escolas.

A Rua Direita da Cidade, dança com as curvas de nível entrando por dentro dos bairros, dando-lhes organização, sem criar barreiras. Ao contrário da Rua Direita de S. Pedro que separa o seu bairro entre comercial e habitação.

Pode-se dizer que o que limita o largo do Pelourinho, é o conjunto das três ruas contíguas, Porto, Calhau e Misericórdia, onde se concentram as lojas locais e as actividades típicas portuárias. Onde os seus visitantes e habitantes juntam-se a diversas horas do dia.

⁴⁶ Retirado PDM 2011 - VOL. I Op. Cit., p. 82.



Fig. 12 Vista para as ruínas do forte de S. Veríssimo, As portas do Forte S. Lourenço, O Limite das montanhas

4.1.3 Bairros

Os bairros são elementos básicos da imagem da cidade, áreas de organização do espaço, por hierarquias sócias e económicos, comerciais e serviços. Por vezes podem servir de referência para orientação dentro da cidade. O bairro cria microcidades organizadas no seu interior através de ruas e travessas, que na Cidade Velha são as chamadas artérias e becos. É de salientar que cada bairro distingue-se do outro, tanto pela geografia local, como pela sua principal actividade e respectivos habitantes, pela textura, espaço e forma, tipo de edifício e seu estado de conservação.

Com pedra de Metrópole foi-se edificando uma aglomeração colonial, de estilo português, com uma praça e Pelourinho junto do mar. A rua Direita protegida por uma linha de baluartes e muralhas. As casas eram bem construídas de pedra e cal, habitadas por numerosos portugueses e castelhanos, alguns de boa linhagem. Uma carta da câmara da ribeira grande para o reino, com data de 15 de Abril de 1626, dá uma descrição minuciosada que já então era cidade: “ há nella tres Bairros e duas Ruas pelo meyo d’elles, a saber, o de S. Sebastiao, o de S. Braz, e o de Sam Pedro, as Ruas são a de são Pedro até ao porto onde sorgem os navios, e a outra he a da Rua da Carreira e a Rua da Banana onde a gente desta Cidade se accomodao medianam.”⁴⁷

Cidade Velha é aberta na globalidade para turistas e câmbio industrial, mas fisicamente é fechada pelas escarpas montanhosas.

É tão diferente quanto homogénea. Encontra-se diferenças particulares entre a rua da Banana, São Pedro oeste e rua Calhau de S. Pedro do sul. A primeira trata de casas nobres de habitações pequenas em pedra, relacionam-se com a estreita rua que não passa de 3 metros. Algumas dessas casas aproveitaram-se para criar pousadas. A segunda alastra-se do pelourinho para dentro do vale, criando o bairro de S. Pedro, que inicialmente estende-se do lado esquerdo com edifícios que serviam ao porto e posteriormente passam para a direita com uma característica habitacional. A rua do Calhau tem a sua linha dinâmica aberta para o largo do Pelourinho, trata de casas com dois pisos, habitação e comercio, as suas fachadas são coloridas. A rua abre para a beira-mar, onde alguns pequenos barcos simples de pesca artesanal se encontram na base do antigo presídio e onde *ao fim da tarde o alarido das peixeiras e crianças no arrasto dos barcos*⁴⁸.

O bairro do Pelourinho, foi o primeiro núcleo formado na cidade em 1462, tinha como especial função responder as necessidades do porto, era também a porta de entrada para a cidade. Além da sua história relevante na cidade e a sua área de cruzamento e marcado pela Rua Calhau, aberta para comercio e direccionada ao mar. O mar desvenda-se por entre cafés e esplanadas sobre as pedras roladas, não há muita distância da beira-mar e o largo.

Esses bairros têm em comum os pavimentos dos arruamentos em pedra, ruas estruturam os próprios bairros e quarteirões.

⁴⁷ AMARAL Ilídio do, *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens*, 2º sér. n.º48, Lisboa 1964, p. 176

⁴⁸ BATISTA P., Ineida, *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico - O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE, Praia, 2008, p. 30.

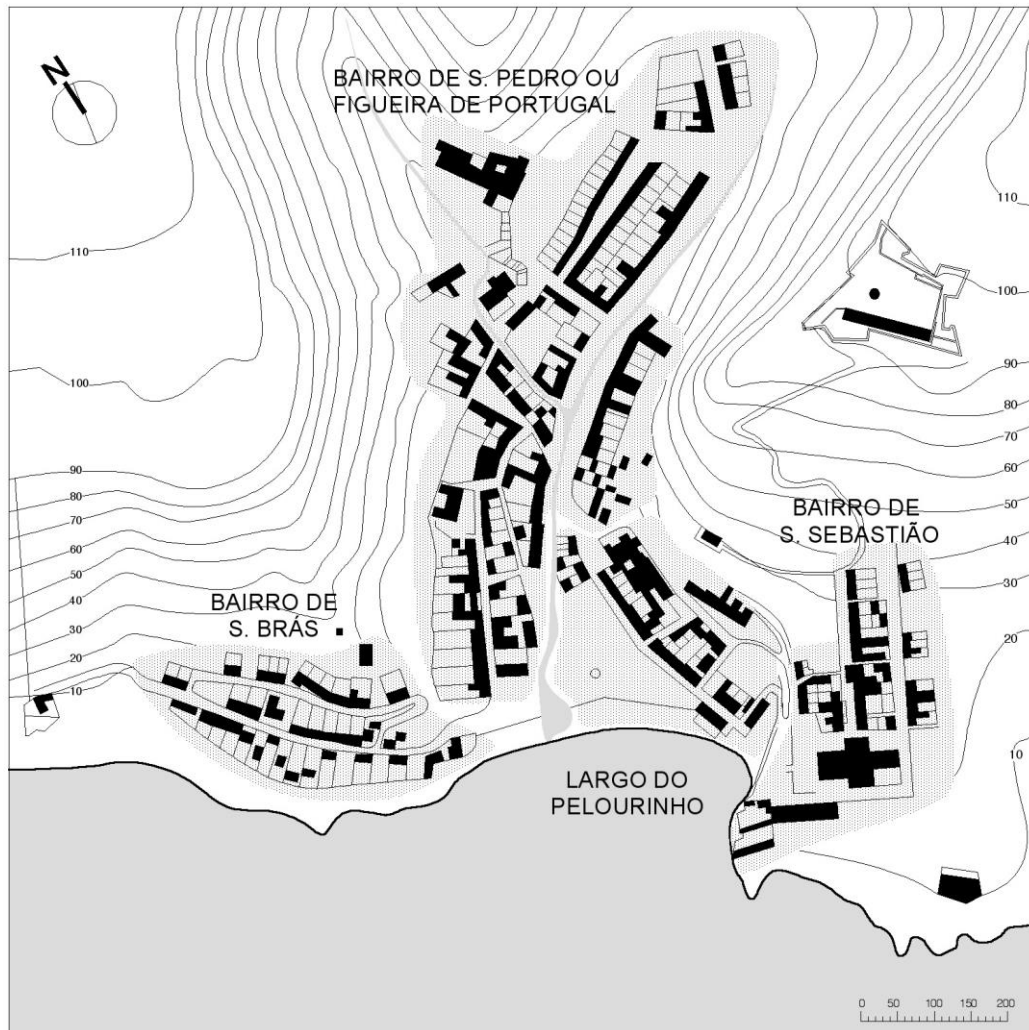


Fig. 13 Bairros e áreas urbanas

Verifica-se desde o início da dissertação que a Cidade Velha não possui fábricas, não tem bairros industriais, não tem parques verdes, apenas algum comércio ligado a zona portuária a sudeste do largo do pelourinho.

Conclui-se que o largo do Pelourinho é o cruzamento que divide e cria os bairros existentes na cidade Velha: S. Brás, S. Sebastião e S. Pedro, que também situam-se em cotas e associações históricas diferentes.

4.1.4 Cruzamentos

No decorrer da pesquisa e análise do espaço urbano da Cidade Velha, percebe-se que ao longo das vias os espaços públicos não se encontram autónomos, não existem praças nem parques.

Compreendeu-se que o Largo do Pelourinho é o lugar central e o seu ponto de cruzamento contribui para ser um grande espaço público e lugar de encontro, é o centro da foz das vias estruturantes da cidade. O ponto estratégico onde o observador pode entrar e sentir-se orientado para escolher que rota há-de seguir dentro da cidade.

A sua historiografia convida porém os turistas a contemplá-lo. Dotado de cafés e esplanadas, que visualmente fazem parte do lugar, colaborando com matérias da terra, sombreiras de esteira, mesas e cadeiras de cestaria. O pavimento em pedra rolada como se vê na praia, aqui arranjada em mosaico, dá um aspecto cuidado e limpo, fresco pelas sombras que algumas acácias de grande tamanho oferecem. Além das palmeiras e plantas em vasos que decoram o largo, a vista brutal das vertiginosas montanhas escarpadas que se descobrem para trás da cidade, enriquecem a beleza visual e paisagística deste local tão único.

Elementos móveis que caracterizam e dinamizam esse espaço são os turistas. Cheios de curiosidade para conhecerem o passado desse centro histórico e do próprio monumento do pelourinho. Captam fotos, bebem refrescos nas esplanadas, fazem compras de artesanato aos comerciantes, homens e mulheres, vestidos em trajes coloridos, que expõem os seus objectos de venda no chão sobre uma manta.

Cidade Velha tem o espaço público pouco definido, o único largo que poderíamos chamar de praça por ser o centro de tudo seria o Largo do Pelourinho. Para além da sua localização como frente urbana da cidade, aqui encontrava-se a Câmara Municipal e a Cadeia, o poder local do burgo. O largo tangente à baía na base maior a sul, vai estreitando em forma quase de trapézio do lado norte, na lateral poente o polígono encontra-se com a ribeira e o início da rua Direita, do lado nascente as ruas contíguas do Porto, Calhau e Misericórdia, são essas que oferecem forma ao largo, com uma área cerca de 8000m². Era conhecido como porta de entrada para a cidade com porto de grandes naus e navios, hoje é um espaço de convívio.

4.1.5 Pontos Marcantes

A Cidade está repleta de pontos marcantes, tanto de pequenos ou grandes tamanhos, podem ou não serem referências indicativas no turismo.

É comum os elementos marcantes serem planeados com intuito de marcar o território, contracenando com o fundo paisagístico, localizando-se num local predominante, visto de outro ponto da cidade. Mesmo que em ruínas a Sé Catedral, ou o forte S. Felipe que privilegiado de ter o lugar mais alto da cidade, são elementos marcantes ímpares na paisagem urbana. A maioria dos edifícios em destaque na imagem urbana tem as suas plataformas elevadas em relação ao resto do tecido urbano. É fundamental ver como no planeamento de desenho urbano poderão ser considerados fontes de inspiração direccional do traçado das vias. A igreja Nossa Sra. Rosário, por exemplo, contribuiu para o delinear das ruas Carreira e Banana, a Sé para com o bairro S. Sebastião, e o hospital/igreja da Misericórdia para com o São Pedro do Sul. O convento de S. Francisco vistoso em postais e livros, localizado no alto da montanha na zona norte do bairro de S. Pedro.

Nesta cidade os monumentos históricos, são na maioria os pontos marcantes, e hoje constituem um potencial para atracção turística.

O Pelourinho, é o elemento central e é muito importante na cidade, não só por ser a frente da cidade frente ao mar, mas também porque é o único elemento na arquitectura militar, tem a sua especial presença na imagem da cidade, tanto pela sua história, representando o período escravagista, símbolo do poder judicial e lugar de execução, como sua centralização. É um elemento único que se encontra em bom estado de conservação composto de mármore branco, e capitel lavrado de estilo manuelino.

A cidade apresenta-se muito religiosa e defensiva nos seus elementos marcantes, como se poderá ver mais afrente nesta dissertação. Uma apresentação caracterizada de cada edifício mais emblemático na história, na paisagem e na actualidade, pode-se ver no capítulo V, quanto se fala, na cidade e património construído.

Capítulo V

5. ENQUADRAMENTO SOCIO-ECONOMICO

5.1. Demografia - Aspectos Gerais

De acordo com o Perfil Urbano do Concelho RGS, Cidade Velha de 2012, aponta “dados do Censo de 2010, como o município conta com 8 325 habitantes, dos quais cerca de 1 100 habitantes são distribuídos pelos bairros residenciais da Cidade Velha. E do PDM RGS de 2011, retira-se uma média da taxa de crescimento do município de 2,5% (segundo o mesmo PDM, não tem dados exactos) e uma previsão para o ano 2022 de 1.971 habitantes”.

Há de facto um aumento notável da população desde a 4 décadas atrás, isso deve-se a uma forte migração interna que aproveitam as oportunidades que o município lhes oferece. Para assim investirem na economia, sobretudo no turismo.

Constata-se que a “maioria dos agregados familiares possui habitação própria, ainda com condições de habitabilidade pouco adequadas, mais de 70% das habitações necessitam de novas condições”.

5.2. A Actividade Económica

Cabo Verde como já se examinou tem um solo muito pobre para a agricultura, sofre de escassez de recursos naturais, principalmente de água, que também se agrava pela falta de chuva. Como já se referiu anteriormente, o povo cabo-verdiano valoriza mais o que vem de fora do que o nacional. Com isso pode-se talvez justificar a taxa elevada de importação em relação a exportação⁴⁹.

De modo geral apresenta-se uma elevada taxa de desemprego tanto na cidade como no resto dos pais, afectando mais mulheres e jovens, baixo nível de escolaridade e elevado número de famílias carenciadas de recursos mínimos para satisfazer as suas necessidades básicas.

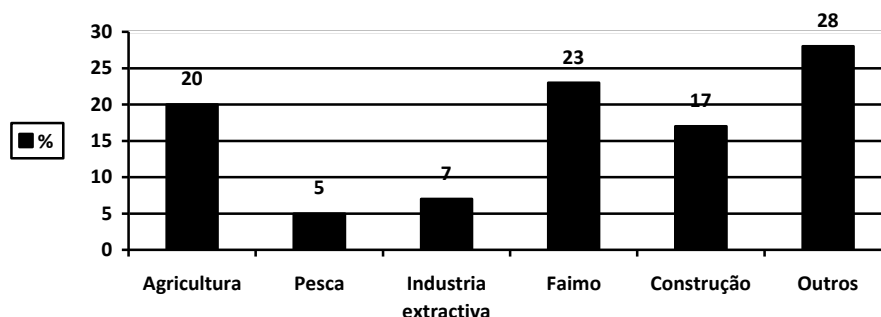
Segundo dados do INE, Censo de 2000, o gráfico que se apresenta, exhibe as principais actividades no Município de Ribeira Grande de Santiago, repara-se que em 2000, a mão-de-obra, é o que domina o gráfico em termos percentuais, seguida de agricultura, construção, as menos exploradas são a indústria extractiva e a pesca respectivamente.

O PDM de RGS de 2011, indica como Ribeira Grande de Santiago é um dos concelhos mais pobres do país, tendo em conta que situa-se numa das zonas áridas. Trata-se de zonas rurais, onde a principal actividade económica é a agricultura artesanal, tanto na contribuição de desenvolvimento local, como em termos de criação de postos de trabalho.

Entretanto na Cidade Velha a pobreza é menos intensa. O facto de ser próximo da Cidade da Praia, não é exclusivamente rural, pois existem trocas comerciais, uma intensa circulação de pessoas e bens. O turismo rural e histórico tem um impacto maior na economia da cidade,

⁴⁹ GOMES, Eduardo Op. Cit., p.59.

o que contribui para o aumento de actividades ligadas a serviços. A agricultura de sequeiro, para a pecuária e para o pequeno comércio de artesanato também são praticadas.



Quadro: 4 Rib. Grande de Santiago. Ramos de actividade económica da população ocupada Censo 2000

5.2.1. Sector Primário

A agricultura é ainda “a base da vida económica na Cidade Velha e da ilha de Santiago, juntamente com a pesca ocupam a terceira e a quarta posição com 9 e 7 % do PIB nacional respectivamente”⁵⁰. “A agricultura, a caça, a produção animal e a silvicultura contribuem com cerca de 17,6% de emprego no município”⁵¹, embora tradicional, artesanal e familiar. Tem havido um esforço de modernização.

O PDM RGS de 2011, comparou “dados do Recenseamento do ano 2004 com os do ano 1988, e verifica-se um aumento de 44,4% da área agrícola irrigada cultivada a nível de concelho. Sendo que, o aumento mais expressivo mostrou-se na freguesia de Santíssimo Nome de Jesus com 56,72% e cobre a freguesia de São João Baptista com 31,34%”⁵².

Sendo Cidade Velha pertencente a freguesia de Santíssimo Nome de Jesus, constata-se que o interior do vale apresente melhores condições para a agricultura, visto ser rico em vegetação. Com o sistema de rega, as pessoas plantam milho e feijão, cana sacarina, hortícolas, e fruteiras como mangueiras, papaieiras, bananeiras, goiabeiras e coqueiros.

A pesca na Cidade Velha não tem um peso muito relativo, “*defende-se que o seu mar não é rico em peixe*”⁵³. Acontece que a zona de pesca na Cidade Velha fica distante, tornando-se assim insustentável, quando as capturas não cobrem os encargos. O porto de Cidade Velha é apenas uma pequena área a beira-mar, que contem cerca de vinte embarcações artesanais motorizadas e de boca aberta. Quarenta pescadores se dedicam a pesca tradicional, utilizando redes ou cana de pesca. Trinta peixeiras que vendem os seus produtos na Cidade da Praia, e apenas duas delas vendem na Cidade Velha. Não havendo registo de captura e do peso económico desta actividade no quadro da cidade, o PU RGS de 2012, refere que o

⁵⁰ Retirado de RELATÓRIO do PDM RGS, VOL. I, Op. Cit., p. 72.

⁵¹ Retirado de Perfil Urbano de RGS, Cidade Velha, p. 28-29.

⁵² Retirado de RELATÓRIO do PDM RGS, VOL. I, Op. Cit., p. 74.

⁵³ GOMES, Eduardo Op. Cit., p.56

município emprega um total de 234 pessoas, o equivalente a 4,2% dos empregos é ocupado por esta actividade⁵⁴.

5.2.2. Sector Secundário

Na Cidade Velha o sector secundário é praticamente inexistente. Porém, existem pequenos empreendimentos privados em número reduzido, como por exemplo oficinas de carpintaria, serralharia, padarias, estaleiros de blocos, oficinas de mecânica automóvel, bate-chapa e extracção de inertes à volta dos quais, gravita toda a actividade industrial⁵⁵. A indústria que mais destaque tem neste sector na Cidade Velha é a bebida alcoólica, o Grogue, muito popular e apreciado em Cabo Verde e fora. O município é um dos maiores produtores de aguardente a nível da ilha de Santiago.

5.2.3. Sector Terciário

O aspecto mais marcante da economia na ilha de Santiago é o peso relativamente elevado do sector terciário. Esta ilha gera cerca de 53% da riqueza nacional. Destaca-se o comércio em primeiro lugar, seguindo-se os serviços governamentais, a agricultura e a pesca, e por fim a habitação, bancos e seguros, comunicação e transportes aéreos. Sendo que no total, cerca de 79% deste sector de actividades faz parte da riqueza da ilha⁵⁶.

Os serviços de turismo na Cidade Velha destacam-se como maior potencial no crescimento económico. Tendo em consideração o seu reconhecimento como Património Cultural da Humanidade, usufrui do sítio Histórico, que contem monumentos religiosos, militares, civis e uma arquitectura tradicional única. Alguns investidores privados investem em infra estruturas turísticas, umas em construção, outras ainda em fase de projecto. A pousada de S. Pedro, embora pequena traz muita gente, para a ver como peça da arquitectura do Arquitecto Português Siza Vieira. A restauração na zona do Pelourinho e implementação de um roteiro de visitas ao sítio histórico. A cidade recebe entre 16 a 35 turistas por dia, sendo que ao fim de semana estes números elevam-se para entre 60 a 70 visitantes, chegando a uma média mensal de 380 hóspedes. Por vezes a cidade recebe turistas em grupos de relativamente 200 pessoas vindos em cruzeiro⁵⁷. Com essa “invasão” turística a cidade precisa de beneficiar de mais produtos locais para venda e restauração.

Segundo o PDM de RGS e algumas visualizações de imagens da Cidade Velha, conclui-se que o comércio baseia-se, maioritariamente, em pequenos negócios do tipo mercearias e alguma venda ambulante de produtos variados, podem ou não ser locais. O relatório PU RGS de 2012, apresenta uma tabela que discrimina um conjunto de vinte e um estabelecimentos comerciais na Cidade Velha:

⁵⁴ Retirado de Perfil Urbano de RGS, Cidade Velha, p. 29-30.

⁵⁵ Retirado PDM 2011 - VOL. I, Op. Cit., p. 76.

⁵⁶ Dados retirados do PDM 2011 - VOL. I, Op. Cit., p. 72.

⁵⁷ Retirado de Perfil Urbano, Op. Cit. p. 31.

Designação	C/licença	S/licença	Total
Mercearias	5	4	9
Bares/Restaurantes	2	1	3
Restaurantes	2		2
Quiosques		5	5
Venda de artesanato	1		1
Boutique	1		1
Total	11	10	21

Quadro: 5 Conjunto de estabelecimentos comerciais

Além desses estabelecimentos hoteleiros e comerciais na cidade, os turistas sentem falta de um mercado mais tradicional, de frutas tão apreciadas pelos europeus, de artesanato genuíno da região e de um serviço de telecomunicações que inclua acesso a internet.

5.3. Cidade Património e Potencial Turístico

A Cidade Velha constitui um património único no País. Foi a primeira cidade cabo verdiana onde a nação crioula nasceu, sendo vista como uma *espécie de laboratório natural de experimentação de plantas e animais*⁵⁸. Aqui se colecionou um alargado número de espécies de vegetação, costumes, arte, construção, alimentação, a própria língua crioula, que se simplifica a um português arcaico e africano. No Total esses elementos valiosos transformam a cidade num verdadeiro museu ao ar livre com paisagens únicas. O seu nome tem uma ressonância pelo mundo fora, reflectindo uma imagem única universal também valorizada como Património Mundial.

5.3.1. Património Construído no Lugar Histórico da Cidade Velha

Apesar da importância histórica, Cidade Velha não possui construções pomposas, de ornamentos e ouro, como se vê na Europa, ou no Brasil. Embora numa época áurea, os edifícios apresentavam-se com traços simples e modestos, tinham como destino responder às necessidades do homem daquela época. Dotada em geral de edifícios religiosos e defensivos, localizados em zonas altas, para se destacarem na paisagem, ou defenderem o território no caso das fortalezas. Monumentos de grande importância histórica, designadamente a Fortaleza de S. Filipe, Sé Catedral, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Convento de São Francisco, os Bairros e as Ruas da Cidade antiga, o Pelourinho, entre outros.

O valor histórico da cidade e a recuperação destes monumentos, bem como a sua inclusão no roteiro turístico, histórico e cultural constituem um dos principais elementos para promover o desenvolvimento económico e social na cidade e no município.

⁵⁸ Baptista, P., Ineida, *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico - O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE (2008), Praia. p. 23.

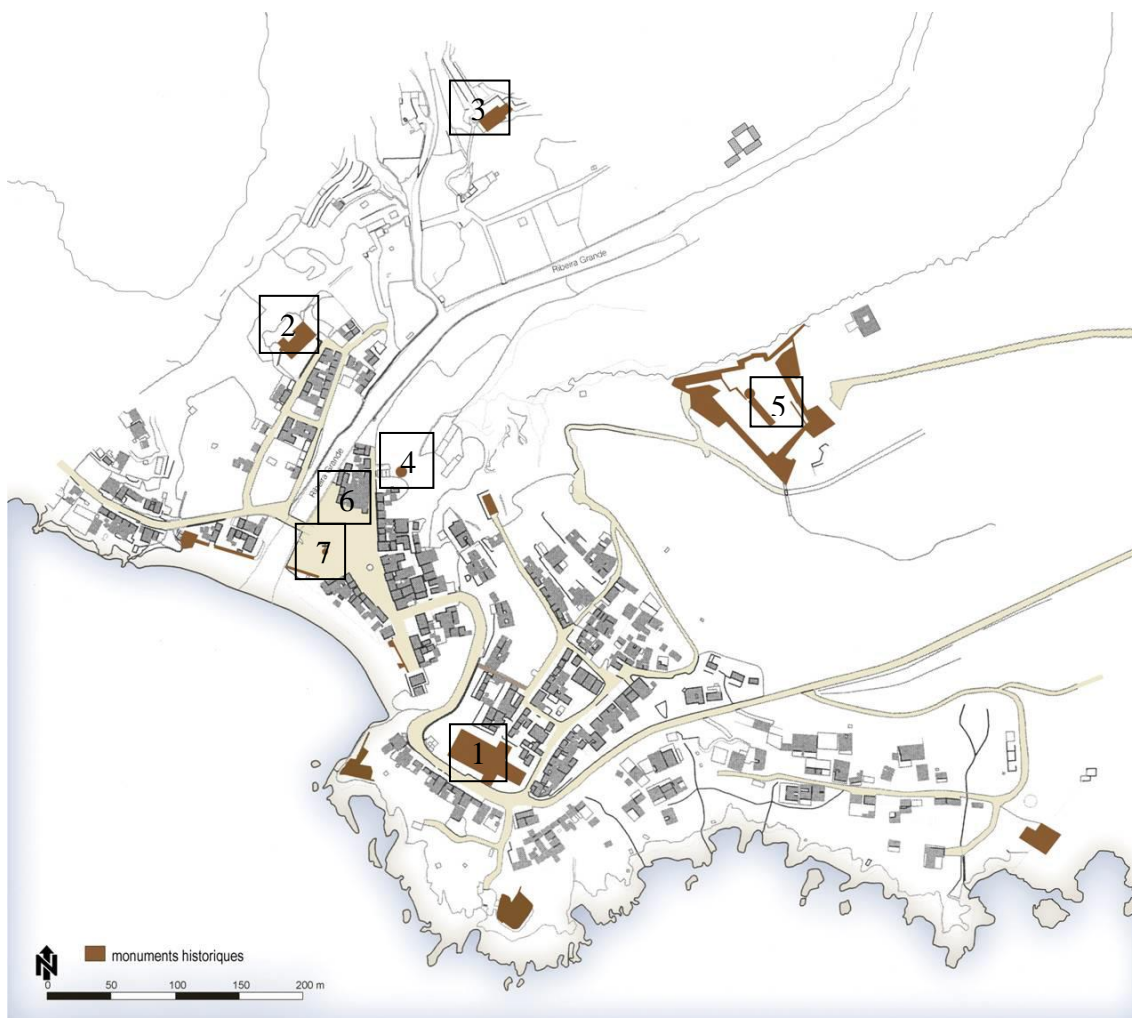


Fig. 14 A planta de localização de monumentos Históricos

1. Sé Catedral
2. Igreja Nossa Sra^a do Rosário
3. Convento de S. Francisco
4. Torre da Misericórdia
5. Fortaleza de S. Filipe
6. Câmara Municipal da Ribeira Grande
7. Pelourinho

5.3.1.1. Arquitectura Religiosa

A arquitectura religiosa aparece muito cedo na Ribeira Grande, uma série de capelas e igrejas que ainda são visíveis no centro histórico da Cidade Velha. “A igreja teve um papel activo no escravagismo, pois além de baptizar ensinava os escravos bases em português, pratica chamada ‘Latinização’, com a criação de ‘Ladinos’, aumentava o valor do escravo no mercado”⁵⁹.

A cidade acolhe a primeira catedral de África, a **Sé Catedral**, grandiosa, mas simples, reflecte o poder da organização religiosa. A sua construção teve início em 1556 por iniciativa do 3º Bispo da cidade, uma construção cara e morosa, 150 anos que levou a sua construção, com pedra vinda de Portugal marcando os seus elementos estruturais. Infelizmente não teve muito proveito, foi saqueada por piratas franceses em 1712. O abandono da cidade fez com que a Sé ficasse esquecida, e entrar em ruínas.

Igreja Nossa Senhora do Rosário, uma das primeiras a ser construída na cidade, está situada a uma cota mais elevada em relação ao tecido urbano da época em que foi construída (cerca de 1495), mas com a expansão da cidade, a igreja ficou integrada na malha urbana⁶⁰. Um dos raros exemplos de arquitectura gótica em África subsaariana em bom estado de conservação. Também foi base de desenho linear para as ruas Carreira e Banana.

Dentro do vale, encontra-se o convento de **S. Francisco**, “construída em 1657, situado num ponto alto cercado por uma densa vegetação no Norte do bairro de S. Pedro, praticamente um dos últimos bairros construídos na Cidade”⁶¹. Restaurada pela cooperação espanhola, tem agora funções múltiplas de eventos culturais, conferências, espectáculos e exposições.

O IIPC - Instituto de Investigação e do Património Cultural tem patente uma exposição arqueológica de material recuperado de naufrágios e elementos etnográficos de Cidade Velha⁶².

A **Torre da Misericórdia**, que outrora fazia parte da igreja do hospital Nossa Senhora da Misericórdia, hoje aparece em ruínas com a torre sem telhado, elemento valorizado pela UNESCO, ainda são feitas “pesquisas arqueológicas pela Universidade Piaget Praia em parceria com a Universidade de Cambridge para encontrar a estrutura original”⁶³.

⁵⁹ Retirado de UNESCO, Proposition d’inscription sur la Liste du patrimoine mondial, *Cidade Velha, Centro Histórico de Ribeira Grande* 2008. P. 29.

⁶⁰ PIRES, Fernando, Op. p.186 web.

⁶¹ Retirado de PIRES, Fernando, Op. p.186 web.

⁶² PU RGS, CIDADE VELHA, Fevereiro 2012.

⁶³ UNESCO, Proposition d’inscription sur la Liste du patrimoine mondial, *Cidade Velha, Centro Histórico de Ribeira Grande* 2008. P. 34.

5.3.1.2. Arquitectura Defensiva

Sendo a cidade protegida pelas montanhas escarpadas fortifica-se ainda mais por um sistema complexo de defesa do território.

A **Fortaleza S. Filipe**, “mandada construir por Rei Filipe I de Espanha em 1587. Foi uma construção quase feita de emergência, e com intuito de ser mais eficiente, depois do primeiro ataque dos piratas ingleses comandados por Francis Drake em 1585”⁶⁴. Numa posição estratégica, situada na parte alta da cidade, permite ter uma vista de vários pontos da cidade, das montanhas e do mar. “É uma relação estratégica com as pequenas fortalezas localizadas a oeste, a leste e ao longo da costa: Forte de S. Lourenço construído entre 1698 e 1702; Forte de São Braz; Forte Presídio; Forte São João dos Cavaleiros; Forte Santo António construído na mesma época que Forte S. Lourenço”⁶⁵. Esse elemento de carácter militar tem uma forte presença na Imagem da cidade e tal como a Sé Catedral tem pedras trazidas de Portugal. Também foi alvo de ataque em 1712 quando o francês Jacques Cassard saqueou e destruiu a cidade. Hoje as suas muralhas estão recuperadas, e em bom estado desde 1999.

5.3.1.3. Arquitectura Civil

A **Câmara Municipal** de Ribeira Grande, um edifício completamente localizado dentro da malha urbana, mas infelizmente não tem qualquer valor histórico. O edifício foi construído pela população, a tentar imitar arquitectura, que não da zona.

O **Pelourinho**, o único elemento do conjunto de arquitectura “civil”⁶⁶. Apesar de ser um monumento histórico de dimensões pequenas, é dos elementos mais importantes e significativos na história da Cidade Velha. É no centro do largo Pelourinho que este pequeno monumento de estilo manuelino, em mármore branca de Portugal, simboliza o poder municipal e onde se condenavam os escravos.

⁶⁴ Correia, Eduardo Gomes, *As Potencialidades Turísticas e Preservação Ambiental e Cultural da Cidade Velha*, 2006, p. 29.

⁶⁵ Op. p. 29.

⁶⁶ PIRES, Fernando, Op. p.180 web.

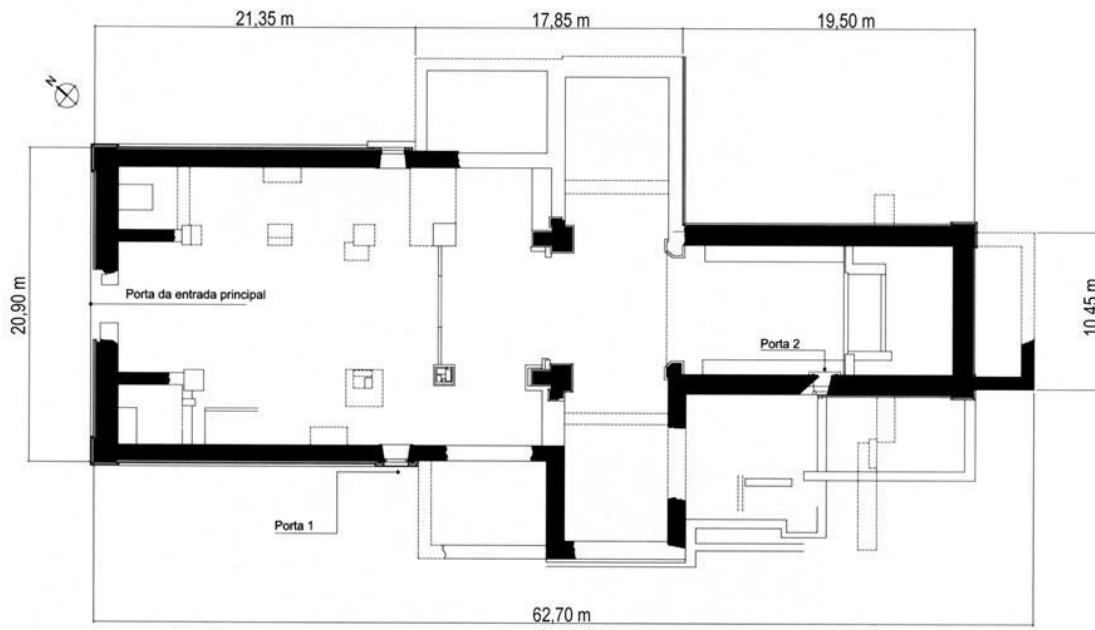


Fig. 15 Sé Catedral

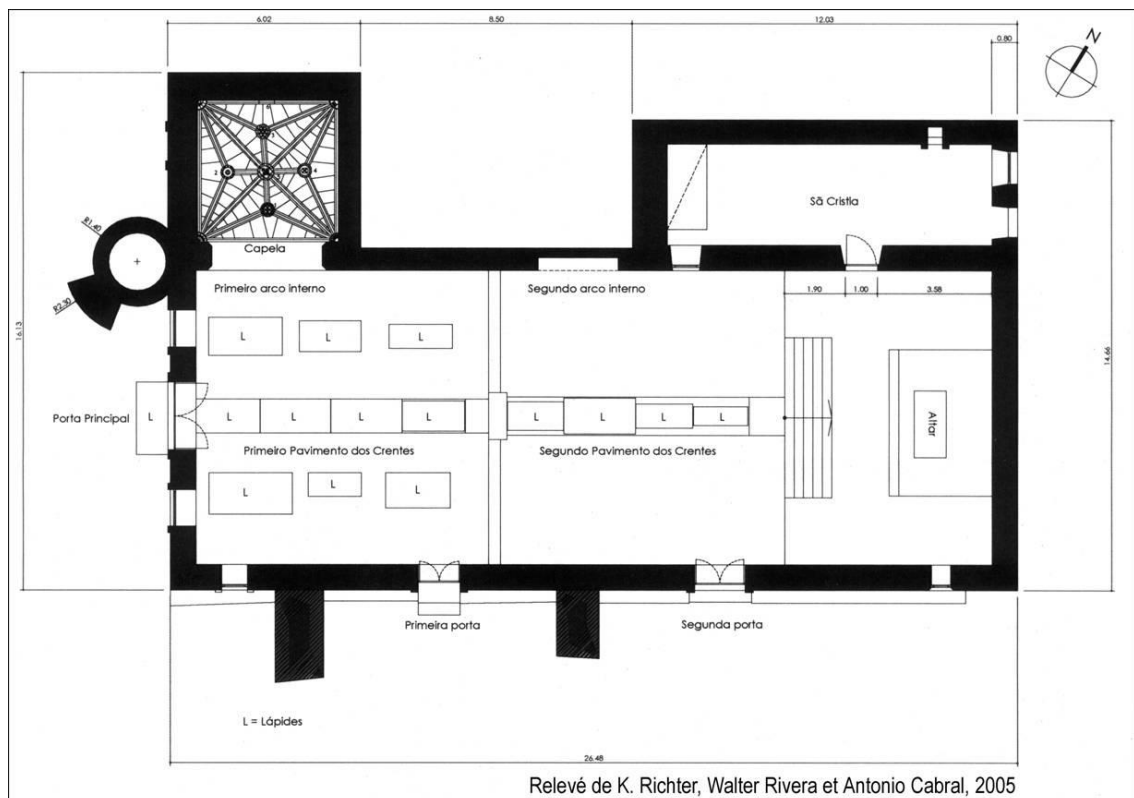
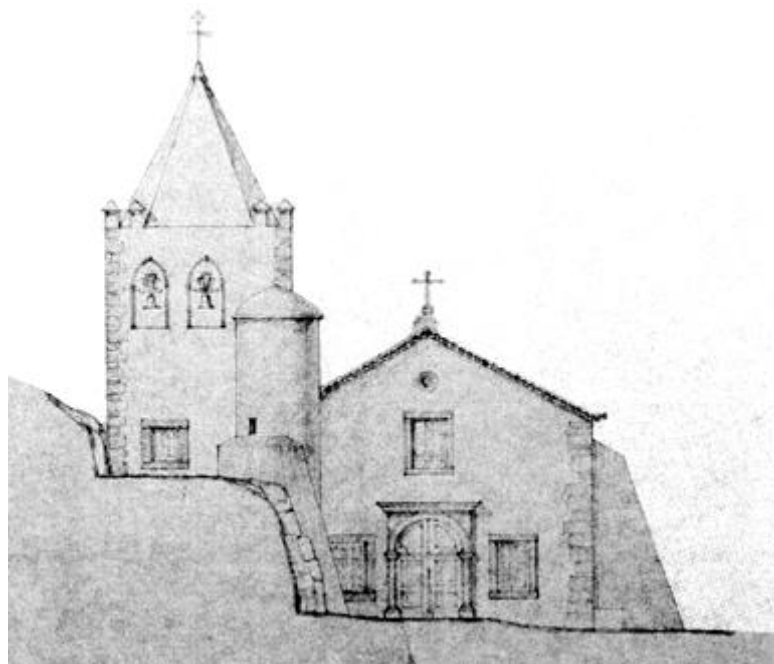


Fig. 16 Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fig. 17 Convento de S. Francisco, Pelourinho

5.3.1.4. Arquitectura Habitacional

O centro histórico da Cidade Velha tem mais aspecto rural que urbano.

“Compõe-se de casas pequenas, embora no séc. XVI tivesse a volta de 500 casas de pedra, hoje conta com cerca de 200 casas tradicionais”⁶⁷. De forma rectangular, o seu interior pode ou não ser dividido, e quando é, contem no máximo três divisões: logo na entrada situa-se a sala, de um lado a cozinha e do outro, quarto. Cobertura em folha de palmeira, ou colmo, Uma das suas fachadas é virada para a rua, costuma ter um só piso, e não é maior que a rua, harmonizando assim as casas à escala humana. Pode ou não à frente de casa ter um pátio e atrás também que varia os dez palmos.

As ruas em baixo descritas, são as ruas mais antigas da cidade, e é através delas que é permitido perceber aspectos da história da construção e a funcionalidade das suas casas:

A **Rua Calhau**, com os tradicionais botes de pesca de margem aberta entra para dentro da cidade onde as suas casas coloridas, umas de um piso, outras com dois pisos em que o primeiro é comércio, fazem frente e limitam o largo do Pelourinho, atraem comerciantes e turistas que a mantem sempre activa.

A rua **Banana e rua Carreira**, caracterizam-se pelas casas típicas de pedra basáltica e cobertura de colmo, eram as casas da população mais abastada da cidade, algumas dessas casas servem de acolhimento para turistas, e é a rua onde alguns restaurantes típicos se guardam.

5.3.1.5. Património Natural

Embora pouco famosa a praia da Cidade Velha, é privilegiada de um mar de água cristalina transparente e tépida durante todo o ano, temperatura média da água na superfície de 23° C, com mínimas de 21° a 23° C e máximas de 26° C. Pequenas praias de areia preta e calhaus rolados. No fundo marinho, os corais ainda bem preservados coabitam com os fantasmas dos barcos que naufragaram ao longo da costa. “Dizem os entendidos em arqueologia subaquática que nos recifes do arquipélago existirão mais de 600 navios afundados”⁶⁸.

A imagem fantasiosa das montanhas escarpadas, as rochas vulcânicas, e as plantas património do interior do vale⁶⁹.

⁶⁷ Retirado de UNESCO, Proposition d’inscription sur la Liste du patrimoine mondial, *Cidade Velha, Centro Histórico de Ribeira Grande* 2008. P. 35.

⁶⁸ JoaquimMDC em <http://viagem80dias.blogs.sapo.pt/12031.html>

⁶⁹ Ver em Anexos, Vegetação.

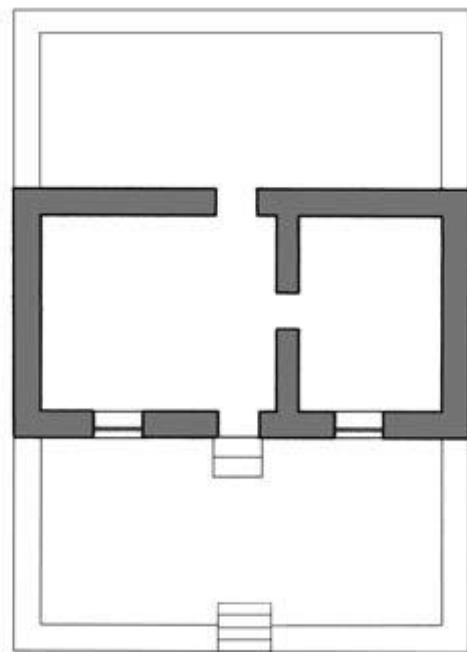


Fig. 19 A Planta tipo, de uma habitação



Fig. 20 Património subaquático e pedregulhos na praia

5.3.2. Património Imaterial: Cultura e Lazer

Cidade velha é o lugar onde nasce a língua crioula, que baseada na língua portuguesa e africana, falada entre escravo e senhor. Para além da língua crioula, as lendas, os provérbios as orações, as músicas, são frutos das experiências vividas.

5.3.2.1. Música e Dança

A música de Cabo Verde é uma tradição rica e uma identidade do povo crioulo, costuma ser nostálgica e fala muitas vezes de amor.

No centro do Pelourinho um grupo de mulheres de idade cantam e dançam o *Batuque*. Experientes, com dotes poéticos improvisam versos, uma mulher dança rebolando as nádegas ao ritmo das outras baterem palmas e mãos sobre um pano rolado colocado entre as pernas, as *tchabetas*⁷⁰. Essas mulheres esforçam-se para preservar tradições, que os mais novos de certo modo põem em esquecimento, dando mais valor a música e cultura ocidental.

Essa tradição vem da manifestação do escravo perante o poder central, com um discurso provocador, sátiro e com crítica à vida social ou pessoal. Essa tradição foi proibida em tempos pela igreja e o poder central, por ser considerada uma desordem pública. “Depois da independência voltou a ser praticada tornando-se folclórica e música por excelência da Cidade Velha”⁷¹.

5.3.2.2. Artesanato

Os primeiros objectos feitos pelo homem eram artesanais, o Neolítico ensinou-lhe como trabalhar a pedra. É um trabalho manual que desde o seu início até ao fim costuma ser elaborado pela mesma pessoa. Na Cidade Velha o artesanato foi trazido pelos negros escravagistas, logo no início do seu povoamento. Quando falamos em artesanato, associamos a condições ecológicas, apresentam-se formas e padrões da natureza, o meio onde o criador habita.

É muito comum que os povos pobres de riquezas naturais serem criativos e responderem as suas necessidades com soluções engenhosas. E os cabo-verdianos não fogem a essa regra: para além de peças de bijutaria, os bordados são preciosos, e a panaria é o ícone da cultura crioula.

A *panaria* foi muito importante na sociedade e economia da cidade e posteriormente nas outras ilhas do arquipélago. Usava-se como moeda no comércio da costa africana. Tecia-se num tear artesanal feito normalmente pelo próprio tecelão, que usava a madeira e folhas de palmeira para a sua construção. Instrumento relativamente frágil e tecnicamente rudimentar

⁷⁰ *Tchabeta*, arco envolvido por uma tela de plástico, para poder oferecer um som mais agudo, desenvolve a função de instrumento de percussão, RTP1, *Portugueses Pelo Mundo S04E02 - CABO VERDE*, Agosto 2011, visto em <http://www.youtube.com/watch?v=Jidx0Xb25Tk>, 15.08.2013.

⁷¹ Retirado de Correia, Eduardo Gomes, *As Potencialidades Turísticas e Preservação Ambiental e Cultural da Cidade Velha*, 2006, p.46-48.

funcionava a pedais e criava o chamado “*pano da terra*”. O algodão era a matéria-prima tanto dos “panos simples ou singelos” como dos “panos d’obra”, eram produzidos em vários tamanhos, vários padrões e diversas cores. Usavam-se pelas mulheres ao levarem os seus filhos amarrados às costas pela cintura também faziam e fazem parte dos trajes tradicionais, ricos em padrões geométricos, estilo muçulmano, que se vendiam a um preço elevado. Hoje essa actividade tem vindo a destacar-se na arte, na moda e Design. Sendo assim pode-se considerar com certeza um potencial para a economia, ainda que raros são caros.

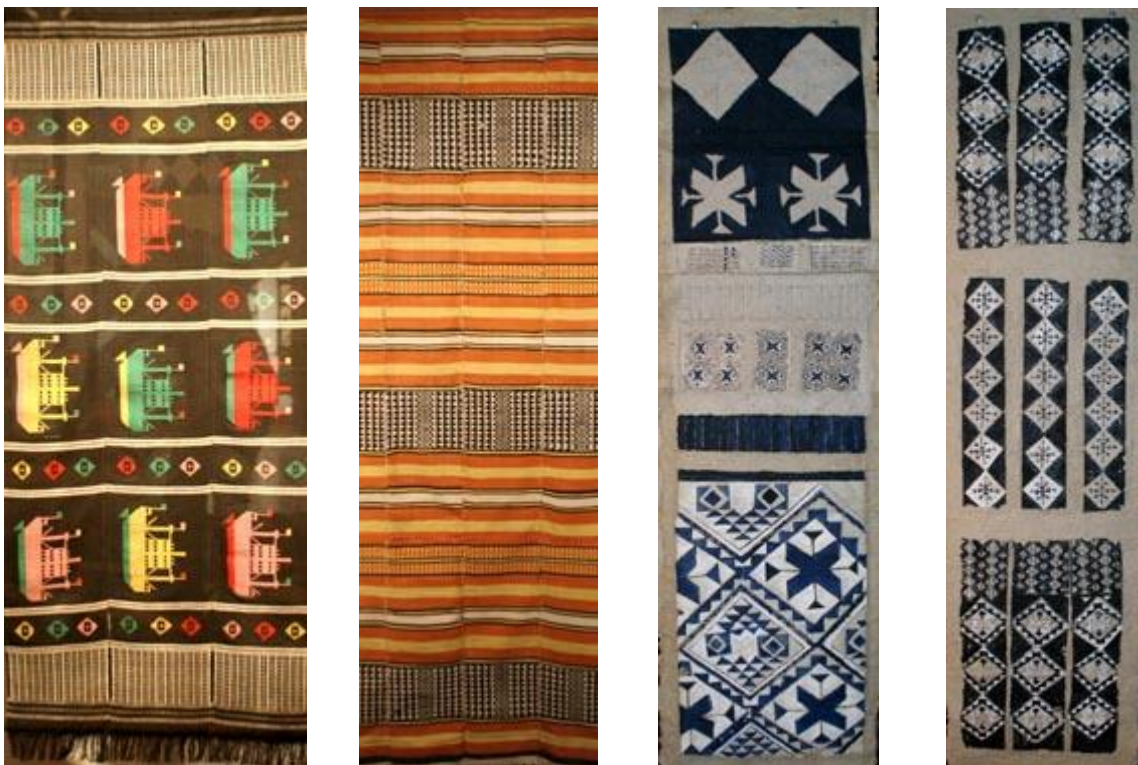


Fig. 21 - Pano da Terra

Cidade Velha pode ser um lugar onde a *cerâmica* tenha destaque. Apanhando a argila no interior da ilha, trazendo-a para a cidade, onde esmagada, prepara-se e modela-se o barro, decorando-se tradicionalmente por mãos de mulher. Deixa-se secar ao ar livre e por fim coloca-se em fornos artesanais por um período de 12h. Pode ser usada em utensílios domésticos, actividades agrícolas, decoração, brinquedos, ou adornos.

Outra forma de arte muito utilizada na ilha de Santiago, é a *cestaria*. Usam-se elementos da natureza, como as folhas de palmeiras em estado verde para prevenirem a quebra e ganharem firmeza quando entrançadas manualmente. Da cestaria resultaram os famosos chapéus de palha, as malas, utensílios domésticos, e decorativos.

A *esteira e o cancarã* processado tal como a panaria e de igual matéria-prima a cestaria, usa-se para atapetar o chão com tapetes de ramas entrelaçadas, separar divisões das casas,

oferecer sombras a espaços de lazer, suportar o colmo da cobertura das casas, e o colchão sobre cama. Hoje a esteira é usada para a decoração, é comercializada em toda a ilha.

O *grogue*, é a bebida alcoólica mais típica e característica da Cidade Velha, assim como do resto do arquipélago. O suco da cana-de-açúcar, é o ingrediente especial do licor tão popular na ilha. A sua produção artesanal é feita com diversos trapiches disseminados nos vales que funcionam de forma constante.

5.3.2.3. Gastronomia

O milho, o feijão, abóbora, mandioca, batata-doce, couve, cebola, cenoura, malaguetas, peixe, carnes vermelhas e brancas, enchidos, sal e açúcar, são os principais ingredientes da gastronomia Cabo Verdiana. As bananas, papaias, mangas, cocos, goiaba, tamareiras, cajus e figos, frutas que a Cidade Velha tem para oferecer.

A *Catchupa*, é “um prato muito típico na Cidade Velha e no resto do arquipélago, é um tipo de prato mais semelhante ao *Cozido a Portuguesa*. Este prato apresenta-se de forma calórica e energética, pois tem como ingredientes principais o milho, o feijão, a mandioca, os diversos tipos de carnes e enchidos e couve, pode diferir de acordo com o poder de compra do consumidor”. É procurada também nos pequenos-almoços, em forma de guisado também, com ovo a cavala e linguiça.

O peixe é muito usado frito, grelhado, no forno ou guisado.

O *Caldo de Peixe*, “muito conhecido em todas as ilhas, mas principalmente na Cidade Velha, além de peixe, leva banana verde, batata-doce, leite de coco e por vezes malaguetas, dando-lhe uma pitada especial”.

“Em dias em que as pessoas não comem carne, por motivos religiosos, a alimentação baseia-se no feijão-verde ou seco, peixe seco ou fumado, batatas ou arroz. Para a sobremesa, cuscuz com mel de cana”.

Também consome-se marisco, mas em pouca abundância⁷².

Segundo o documento escrito por Ineida Baptista em 2008, a Rua da Banana é a rua onde se pode disfrutar da gastronomia de Cidade Velha.

5.4. Tecnologias Disponíveis

Devido à pouca formação e fraca instrução, o povo cabo-verdiano, desconhece todavia a utilização e o conceito das novas tecnologias. Impedindo assim o sector económico, o aproveitamento da sua natureza, e a ligação do património à identidade.

Sendo pouco avançada a tecnologia se usa muito a actividade artesanal e mão-de-obra. Com a construção da Escola Oficina de Cidade Velha, há progressos com o intuito de melhorar qualidade de vida e na utilização de novas tecnologias assim como matérias de construção.

⁷² Ver ponto 5.2.3 Sector terciário.

5.5. Dotações Urbanas

5.5.1. Infra-estruturas

A infra-estrutura rodoviária da Cidade Velha possui ruas e becos calçadados ou em terra batida. Também conta com uma ligação nacional EN1-ST-05⁷³ desde 1972⁷⁴, que liga a Cidade da Praia. Esta rodovia é muito importante para a cidade, pois beneficia-a na facilidade de deslocação para a capital, onde estão inseridas as escolas, hospitais, tribunais, mercados importantes, etc.

“Estima-se que cerca de 80 viaturas circulam diariamente no concelho. Não existem transportes públicos colectivos de passageiros, sendo a mobilidade dos cidadãos feita através de viaturas denominadas “Hiaces”, Dinás, Galuchos, Camiões, Automóveis etc. A Câmara Municipal dispõe de 20 viaturas das quais 6 autocarros estão disponíveis para garantir o transporte, de cerca de 700 alunos, da Escola Secundária de Salineiro”⁷⁵.

A Cidade Velha é dotada de um pequeno porto de pesca artesanal, sucedendo este ao que foi o grande porto principal da ilha antes do enfraquecimento da Ribeira Grande.

As redes de infra-estruturas técnicas compreendem: as infra-estruturas de saneamento, de água, energia e telecomunicações.

5.5.1.1. Água e Saneamento

CMRGS tem investido fortemente na implementação de uma Rede de Abastecimento de Água Municipal, como por exemplo na ligação à rede pública de toda a Cidade de Santiago.

“A ligação domiciliária de água potável atingiu a taxa de 100% em todos os bairros da Cidade Velha, constituindo um dos índices de maior crescimento no quadro do desenvolvimento humano registado no país.

O Município dispõe de um bom número de reservatórios e furos distribuídos pelas Freguesias de Santíssimo Nome de Jesus, com 81 infra-estruturas hídricas, e São João Baptista, com 108 unidades do mesmo tipo que incluem 75 reservatórios, 17 fontanários, 47 nascentes, 1 poço e 40 furos. A principal ameaça no abastecimento de água consiste na vulnerabilidade aos surtos de doenças epidémicas.

Esta situação representa uma evolução substancial na medida em que no ano 2000 apenas 12% dos agregados familiares tinham água canalizada através da rede pública e 83% das pessoas abasteciam-se através de chafarizes”⁷⁶.

Antigamente a cidade corria o risco de inundações graves na altura das chuvas, a ribeira enchia-se de tal modo que trazia tudo o que encontrava ao longo do seu leito, inundando assim o largo do pelourinho. Hoje a Cidade Velha dispõe de uma rede de drenagem de água das chuvas nos locais mais problemáticos e com ligação a linhas de água, desembocando na praia, evitando assim as cheias e inundações. “Para prevenir esse tipo de riscos a construção

⁷³ Retirado PDM 2011 - VOL. I, Op. Cit., p. 80.

⁷⁴ Retirado PDM 2011 - VOL. II, p. 9.

⁷⁵ Retirado PDM 2011 - VOL. I Op. Cit., p. 82.

⁷⁶ Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012, p. 16.

da barragem de Salineiro tem um impacto positivo, assim como na mobilização de água para a agricultura”⁷⁷.

“Na Cidade Velha ainda se verifica alguma falta de saneamentos e esgotos, apenas 53% das habitações são dotadas de ligações à rede de esgotos, sendo financiado pela cooperação espanhola”⁷⁸.

“Estima-se que cerca de 60% da população do município seja servida pelo sistema de Recolha dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), sendo os resíduos sólidos domésticos os mais produzidos”⁷⁹. Embora a “limpeza urbana seja efectuada diariamente”⁸⁰, a cidade se apresente limpa, sente-se uma carência de cestos de lixo na zona histórica e arredores assim como o equipamento da cidade com ecopontos.

5.5.1.2. Energia e Telecomunicações

Na Cidade Velha o fornecimento de energia é feito através da “central eléctrica de Palmarejo - Praia, ELECTRA”⁸¹.

Acontece que a Cidade Velha sente escassez de electricidade, pois a rede de distribuição é antiga e inadequada, sobretudo por ser aérea. Segundo os dados do QUIBB em 2007, “36,8% dos agregados não têm acesso a esse bem. Os mesmos apontam que a principal fonte de energia para a iluminação é a vela. Verifica-se desse modo que existe uma parte considerável da população, cerca de 56,8% que ainda utiliza esse sistema de iluminação”.

Segundo a mesma informação, a “principal fonte de energia para a preparação de alimentos é a lenha em vez do gás butano. Situação inversa ao que acontece no resto do país onde o uso do gás representa 64%”⁸².

Devido ao clima que Cidade Velha possui, pode ter uma vantagem em possuir electricidade dos sistemas eólico e solar. “A iluminação pública cobre metade da área da Cidade Velha, sendo que 25% do consumo na área urbana é coberto por produção de energia solar, através de um projecto financiado pela Cooperação Espanhola”⁸³.

Nas telecomunicações, sendo hoje em dia das principais vias de comunicação, Cabo Verde tem vindo a aumentar o número de operadores com serviços de Internet, serviço móvel e outros.

“As ilhas interligam-se entre si por cabos submarinos de fibra óptica e securizadas por ligação via satélite, estando o país ligado ao cabo de fibra óptica Atlantis 2”⁸⁴.

No concelho da Ribeira Grande, com excepção de algumas localidades, “todas as comunidades estão servidas pelos serviços de telefone móvel e fixo, estando neste momento

⁷⁷ Retirado do Perfil Urbano, Op. Cit. p. 17.

⁷⁸ Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012, p. 16.

⁷⁹ PDM 2011 - VOL. I Op. Cit., p.83.

⁸⁰ Retirado de Perfil Urbano, Op. Cit. p. 16.

⁸¹ Retirado de Perfil Urbano, Op. Cit. p. 20.

⁸² PDM 2011 - VOL. I Op. Cit., p.85.

⁸³ Retirado de Perfil Urbano, Op. Cit. p. 21.

⁸⁴ PDM 2011 - VOL. I Op. Cit., p.86.

as operadoras a instalar e melhorar as redes de telecomunicações, de forma que todas as comunidades tenham acesso a este serviço”⁸⁵.

5.5.2. Equipamentos Sociais e Colectivos

A cidade velha outrora era dotada de vários equipamentos, que lhe permitia ser uma cidade próspera, propriedades privadas de indivíduos ricos, e influentes na economia, ligados ao poder central. A cidade beneficiava de Câmara Municipal, Prisão, Hospital, Residência Episcopal, Conventos, Igrejas, etc.

Hoje, sendo a Cidade da Praia a capital, a 12 km da Cidade Velha, muitas dessas grandes dotações deixaram de funcionar, ou porque se deslocaram de lugar, ou porque o próprio edifício não está em condições para permitir o seu uso. E os moradores de Cidade Velha deslocam-se à Cidade da Praia para trabalhar ou tratar dos assuntos particulares, (hospital, tribunal, mercado, escola).

Actualmente a cidade conta com um Centro de Saúde, que serve o município, sendo que este não “tem condições para a realização de exames complementares de diagnóstico, pois não dispõe nem de laboratórios nem de técnicos para os fazer funcionar. Para situações mais graves e tratamentos diferenciados, é necessário a deslocação para o Hospital Agostinho Neto na Cidade da Praia”⁸⁶.

Em relação ao ensino, a cidade dispõe, como todos os outros núcleos urbanos, de escola básica para os 6 anos de escolaridade, e de ensino Pré-escolar. De resto os alunos têm de se deslocar da cidade para a Cidade da Praia. Dispõem, desde 1 de Abril de 2011, de uma *Escola Oficina Cidade Velha*, que conta com 3 cursos: construção civil, canalização solar térmica e transformação de produtos alimentares. Actualmente é “frequentada por 160 jovens estudantes, que lutam em conjunto por uma melhor qualidade de vida na Cidade e é uma mais-valia para o desenvolvimento do artesanato, o aproveitamento das frutas. É muito bem aproveitado o clima que permitiu a evolução de políticas energéticas sustentáveis e renováveis, através da introdução de painéis solares, e ainda o uso de produtos da zona para a sua construção. Juntamente com a cooperação espanhola, os próprios alunos da escola construíram o edifício”⁸⁷.

Para além das escolas “a cidade oferece também um centro de juventude e um centro comunitário”⁸⁸.

Hoje a cidade é dotada ainda de uma Câmara Municipal localizada no Pelourinho, uma agência bancária, posto de turismo, uma farmácia e um centro de exposições artesanais. Estão em vias de construção juntamente com a cooperação espanhola, alguns cafés/bar, a pousada de S. Pedro e o restaurante “Nós Origem” que o arquitecto Siza Vieira projectou em 2003 e 2005, um Núcleo Museológico da Cidade Velha.

⁸⁵ Op. Cit., p.86.

⁸⁶ Op. Cit., p.88.

⁸⁷ Documentário de SOUSA Jair de, "Escola Oficina Cidade Velha" 22:46 min, visto em 28.09.2013 http://www.youtube.com/watch?v=AETTj7n_wyU

⁸⁸ Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012, p. 14-15.

Entre outras infra-estruturas urbanas a Cidade Velha tem uma rede notável de edifícios integrados no património histórico e cultural.

A Cidade Velha tem índices baixos de insegurança, criminalidade e acidentes. “A cidade dispõe de uma esquadra da Polícia Nacional responsabilizada pelo município inteiro”⁸⁹.

89 Op. Cit.



Fig. 22 Equipamentos Sociais e Colectivos: Pousada S. Pedro, e restaurante " A origem", Posto Turismo



Fig. 23 Equipamentos Sociais e Colectivos: cafés e esplanadas na rua do Calhau e a beira- mar

5.6. ANÁLISE SWOT

QUALIDADE DE VIDA, CONSERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO

5.6.1. Forças

- ✓ A poluição atmosférica é praticamente inexistente tendo em conta que não existem fábricas e os transportes são numericamente reduzidos;
- ✓ A poluição sonora é nula, podendo-se notar mais constante nas épocas festivas quando se realizam actividades culturais ou espectáculos musicais;
- ✓ Para além das suas ricas paisagens, entre o mar e as montanhas, a sua construção de casas vernaculares típicas da zona contribui para um panorama único e belo;
- ✓ População residente em número reduzido. Local de excelente repouso;
- ✓ O interior do vale oferece um lugar agradável para peões, harmónico entre casas tradicionais e ruelas pequenas;
- ✓ Existência de programas específicos de reabilitação e requalificação urbana e apoios financeiros da Europa;
- ✓ Sistema de recolha diária de lixo sólido;
- ✓ Programas de educação que formam sistemas de construção, canalização e instalação de painéis solares, assim como preparação de frutas em conservas;
- ✓ Níveis baixos de criminalidade;
- ✓ Poucos transportes públicos;
- ✓ Riqueza do património cultural arquitectónico com elementos marcantes na paisagem.
- ✓ Interesse científico no sítio, no solo e submarino.
- ✓ Existência de áreas florestais interesse: flora e fauna, história.
- ✓ Acessos entre a Cidade Velha e Cidade da Praia, promove e facilita a mobilidade entre as cidades.

5.6.2. Oportunidades

- ✓ Qualidade de vida apreciável pela poluição atmosférica e sonora ser praticamente nula, por possuir uma variedade paisagística saudável e a população reduzida tornar o local tranquilo, sereno e com baixo número de crimes;
- ✓ Desenvolver artesanato, promovendo a ecologia na zona e criando espaços para a produção, gestão e venda artesanal;
- ✓ Aproveitar os frutos tropicais locais de forma criativa e inserir a sua produção na economia. Os frutos tropicais são muito apreciados pelos europeus;
- ✓ A existência da Escola Oficina de Cidade Velha, oferece aos jovens melhores qualificações académicas e profissionais, sendo extremamente útil para a população da cidade;

- ✓ A existência de mão-de-obra jovem, com disponibilidade de trabalhar;
- ✓ Desenvolver actividades turísticas, como passeios marítimos, ou pedestres no interior do vale, pesca desportiva, mergulhos ou outros desportos náuticos;
- ✓ Organizar associações de voluntariado para a limpeza da florestação;
- ✓ Estudar um número regular de turistas diários para não saturar o espaço;
- ✓ Explorar terrenos de forma sustentável e rentável;
- ✓ Criar zonas e espaços verdes, aproveitando plantas endógenas e desérticas;
- ✓ Desenvolver canais para águas residuais, dessalinização da água do mar para ter acesso mais fácil a água potável;
- ✓ Existência de parceiros nacionais e internacionais disponíveis para cooperar na melhoria das condições de vida urbana. Portugal e Espanha são grandes interessados em financiar novos projectos na cidade;
- ✓ Interesse em arqueologia, história e antropologia, biologia marinha, flora e fauna;
- ✓ Inscrição da Cidade Velha na lista a Património Mundial da UNESCO;
- ✓ Património Cultural classificado e protegido;
- ✓ Formação sobre o património, incentivar e sensibilizar a população acerca do conceito de Património, motivando a sua conservação, protegendo a imagem da cidade com reforços de normas urbanísticas;
- ✓ Proximidade da Universidade de Cabo-Verde na Praia;
- ✓ Existência do Programa “Casa para todos”⁹⁰;
- ✓ Existência de estudos sectoriais mais ou menos actualizados.

5.6.3. Fraquezas

- ✓ Nível condição de vida, com pouco conforto dentro das habitações;
- ✓ Défice no mercado e alimentação;
- ✓ Desigualdades sociais;
- ✓ Fraca tecnologia;
- ✓ Desemprego e desocupação;
- ✓ Falta de interesse profissional e dinâmico, perante a população;
- ✓ Falta de equipamentos como escolas, hospital, tribunal;
- ✓ Fracos equipamentos colectivos e poucos espaços públicos;
- ✓ Falta de recursos suficientes para a requalificação urbana;
- ✓ Falta de espaços verdes em áreas de lazer, animação cultural, e desportiva;
- ✓ Falta de iluminação pública e habitacional;
- ✓ Falta de condições para a criação do gado;
- ✓ Pouca actividade piscatória;

⁹⁰ Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012, p.37.

- ✓ Fraca sensibilização da população perante a preservação e valorização do património assim como a conservação do meio ambiente;
- ✓ Construções ilegais desordenadas e agressivas diante de uma arquitectura tradicional;
- ✓ Fraca venda de artesanato original da terra;
- ✓ O pensamento antiquado que o que vem de fora é bom.
- ✓ Relevo acentuado facilitando a erosão.

5.6.4. Ameaças

- ✓ Conservação, valorização do ambiente e património e qualidade de vida fragilizada;
- ✓ Aumento da produção de resíduos sólidos;
- ✓ Insuficiência energética;
- ✓ Desemprego;
- ✓ Inundações, secas e derrocadas das encostas;
- ✓ Ocupação urbana sobre importantes reservas de recursos naturais;
- ✓ Desigualdades sociais;
- ✓ Os imigrantes com poder financeiro compram as casas e terrenos aos habitantes da Cidade Velha, levando a que estes se desloquem para a Cidade da Praia, causando assim uma diminuição de habitantes na cidade e conseqüentemente pouco dinamismo.

Capítulo VI

6. DESENHAR CIDADE VELHA





Fig. 24 Centro da Cidade, Largo do Pelourinho e a Câmara Municipal



Fig. 25 Venda de Artesanato

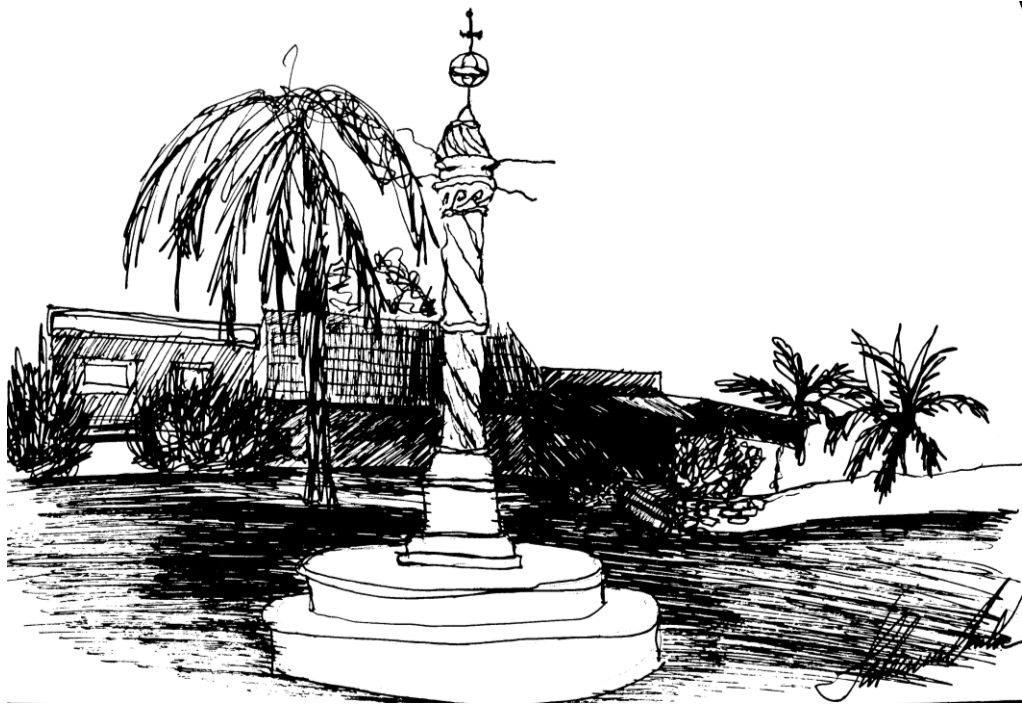


Fig. 26 Mulher Criando Cesto, Pelourinho



Fig. 27 Espaços Públicos



Fig. 28 Espaços públicos

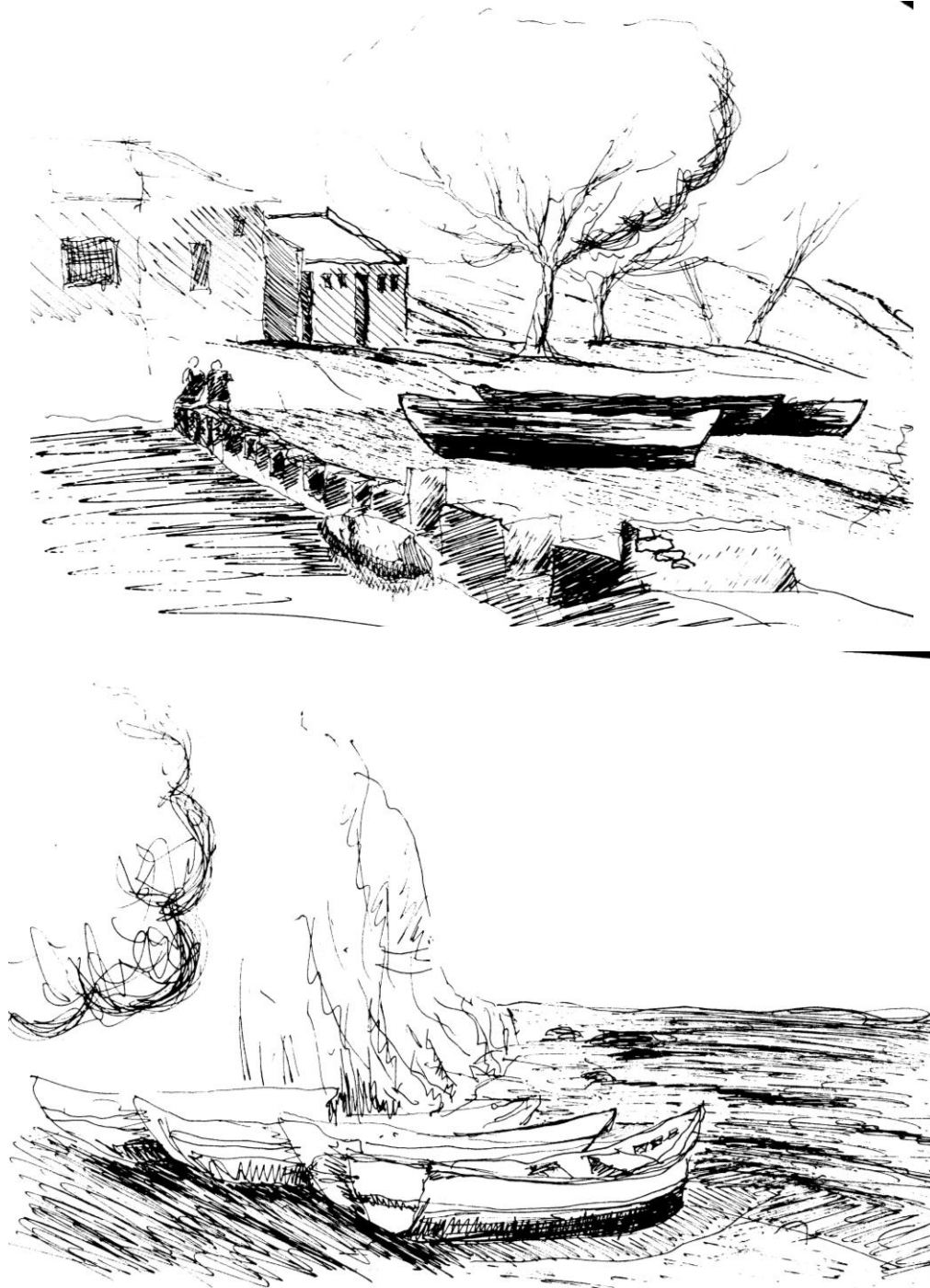


Fig. 29 O Porto e seus Barcos de Pesca



Fig. 30 Conforto microclimático - O efeito da vegetação como factor de agregação social

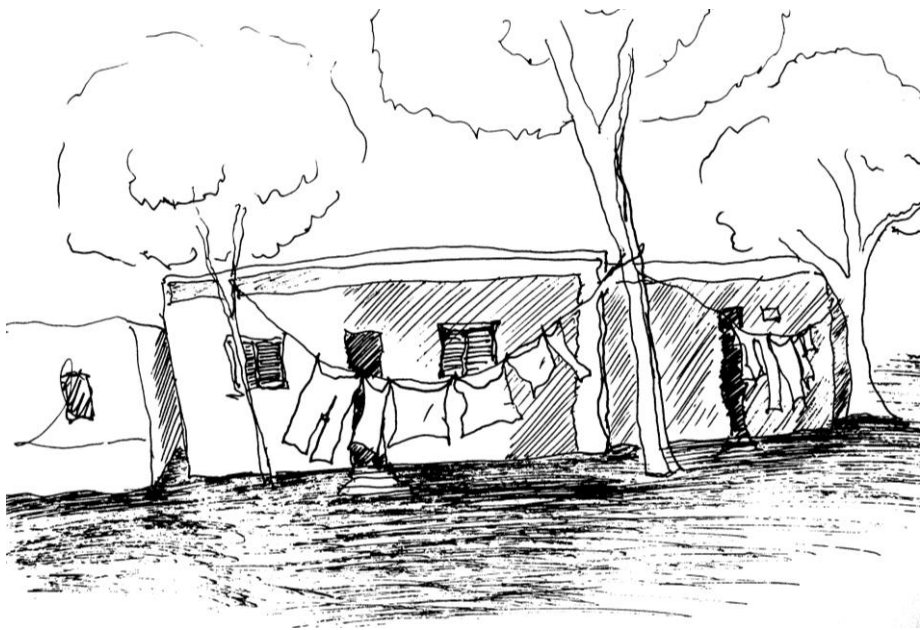


Fig. 31 Os edifícios do Porto



Fig. 32 A praia e actividades sugestivas

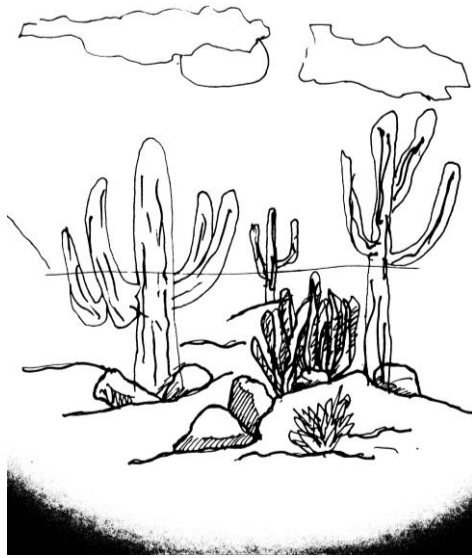


Fig. 33 Pastagens existentes no meio urbano e jardins de cactos sugestivos



Fig. 34 D. Rosário (O Arquitecto E a Cidade Velha) e vista para o bairro S. Sebastião

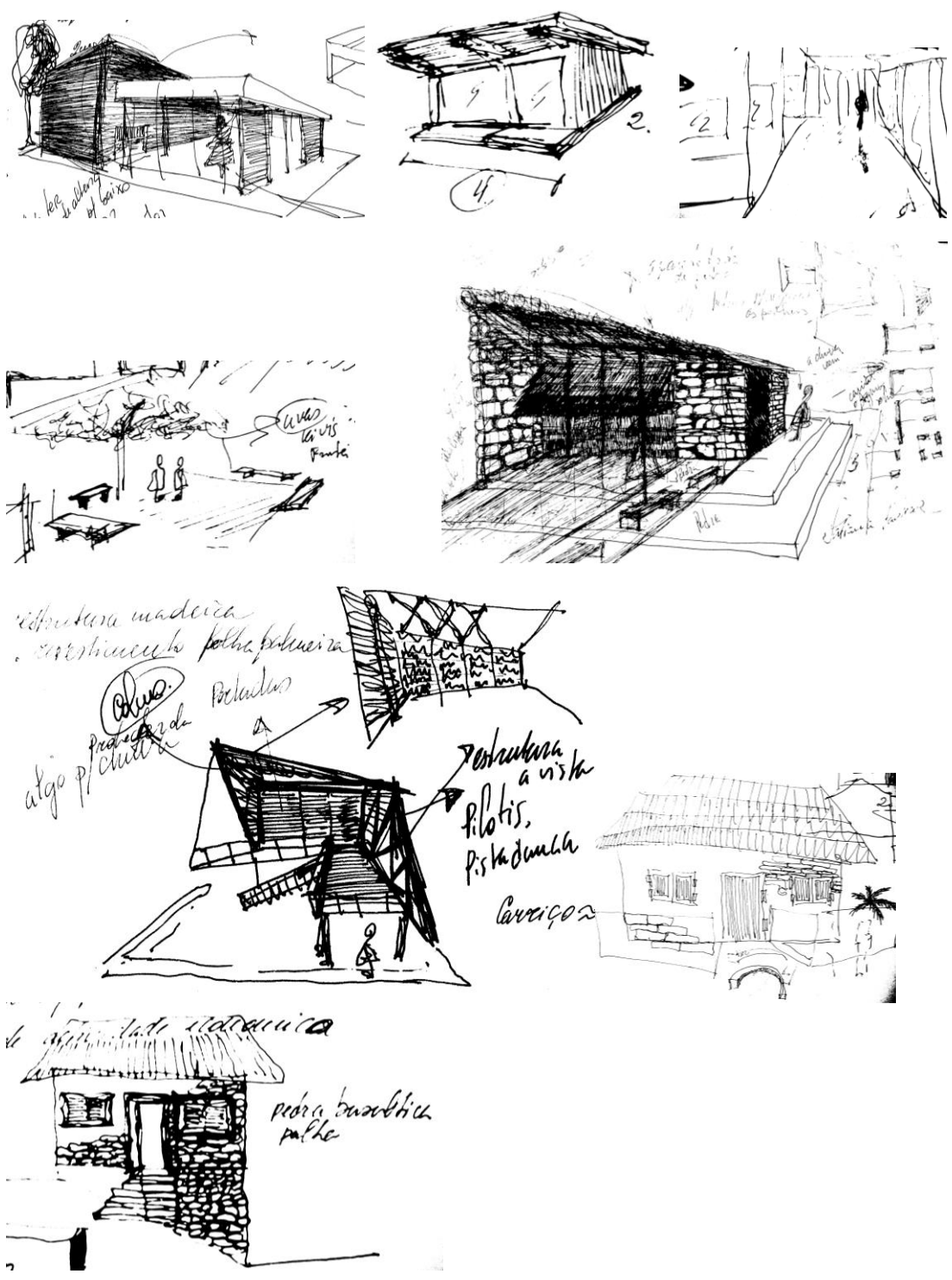


Fig. 35 Ideias sugestivas para espaços culturais

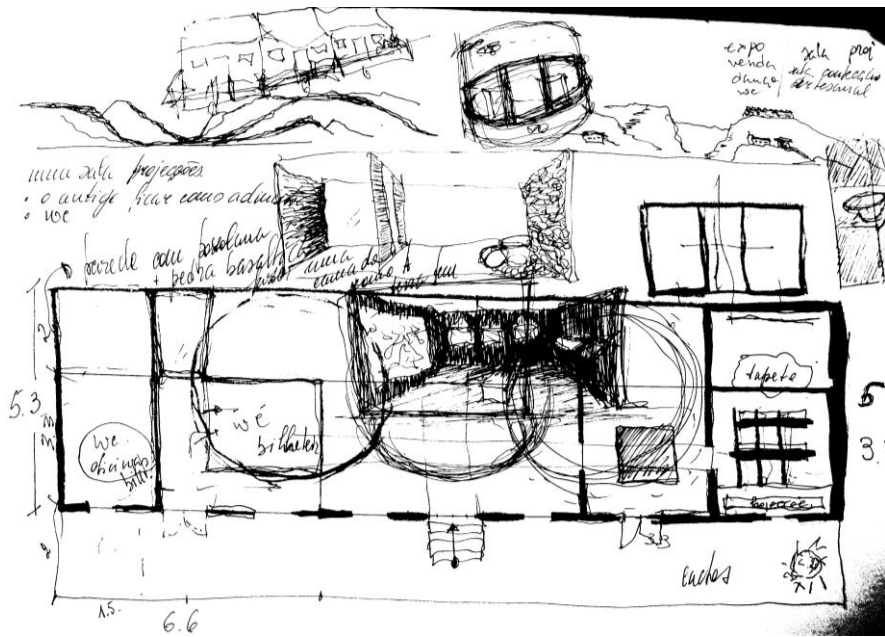
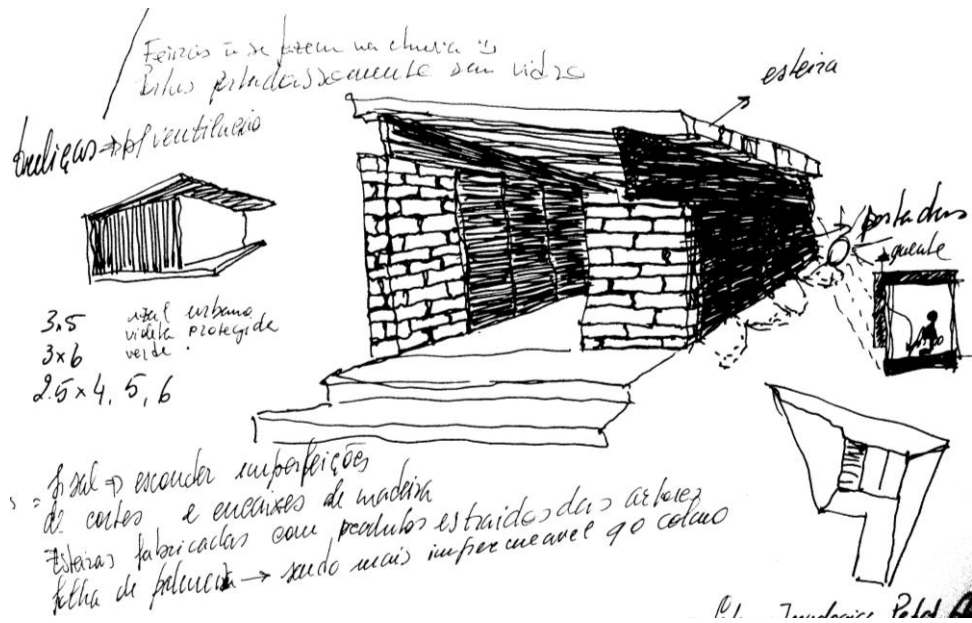


Fig. 36 Ideias sugestivas para espaços culturais

Fig. 37 Esboço para museu, venda, e produção artesanal em edifícios em ruínas.

6.1. Ideias e Propostas. Arquitectura, Construção, Planeamento Urbano, Turismo e Sustentabilidade.

Este capítulo apresenta ideias e propostas gerais, para um desenvolvimento eficaz na Cidade Velha, Património Mundial e recorre-se a uma maneira estratégica de tirar proveito do conceito da Arquitectura, Património e do Turismo aproveitando os pontos fortes e as oportunidades, tratando as fraquezas e diminuindo as ameaças.

Contem desenhos realizados ao longo do estudo e da investigação da presente dissertação, surgindo ao mesmo tempo como informação ilustrativa aos capítulos anteriores, sobretudo no completar e perceber o capítulo da Imagem da Cidade. Os mesmos desenhos assim como figuras expostas são base de apoio para as propostas apresentadas a seguir.

- ✓ A **construção desenfreada** é o maior problema na arquitectura alterando o meio ambiente da Cidade Velha. A arquitectura tradicional deverá ser preservada, solucionando problemas de infiltrações de água nas coberturas em colmo. Manter o ecossistema natural e reduzir o número de perturbações possível será muito importante e atractivo para a cidade.
- ✓ Melhorar aspectos técnicos e estudar reacções dos **materias locais**, para empregar na construção de maneira eficiente e duradoura.
- ✓ Usar e explorar terrenos de forma sustentável e rentável para **praticar permacultura**, utilizando formações baseadas na ecologia.
- ✓ Recuperar **construções em ruínas** para lhes dar novos usos, tanto para novas habitações, como para equipamentos, comércio, cultura e lazer, tendo em conta sempre a tradição, o turismo e a economia.
- ✓ Dessas ruínas poder-se-ão reconstruir **espaços, centros onde alugarão** botas de borracha, chapéus, bengalas, e outros utensílios para caminhadas pitorescas dentro do vale, usando uma pessoa guia que falasse da vegetação, fauna, solo, vestígios históricos, etc.
- ✓ Desenvolver **espaços para a produção artesanal**, promovendo a ecologia na zona e aproveitando edifícios em ruínas e transformá-los em centros artesanais, oferecendo empregabilidade a população jovem e desempregada, passando depois para gestão e venda de peças artesanais.
- ✓ Desenvolver **espaços para exposições** e salas de projecções de documentários sobre o Património Mundial, ou sobre a própria Cidade Velha, assim como sobre outras cidades insulares que tiveram um percurso de desenvolvimento parecido.
- ✓ Oferecer aos turistas e aos próprios habitantes, **espaços bibliotecas**, com amostras de livros, revistas, listas de espécies do local, do património construído e mesmo de trabalhos e teses sobre a cidade. Um espaço social público, com potencial para a cultura, a história, com mobiliário interior para leitura, livro de anotações e recomendações.

- ✓ O mobiliário e o equipamento interior deverão ser à base de recursos locais, aproveitando mão-de-obra e artesanato para a decoração dos espaços. Evitando equipamentos de elevado consumo de energia, água e materiais perigosos.
- ✓ O desenho arquitectónico deverá usar técnicas naturais de ventilação cruzada para produzir conforto humano e aproveitar aberturas suficientes para fornecer luz solar (a disposição vertical das janelas evita problemas de encandeamento e contraste, e a renovação do ar é mais fácil).
- ✓ Também promover trabalhos feitos por crianças, para dar vida e dinâmica a cidade.
- ✓ Promover concursos criativos com produtos ecológicos da zona e criar espaços para à produção gestão e venda artesanal.
- ✓ Colocar etiquetas nas árvores e arbustos para a população, tanto turistas como os próprios habitantes e empregados se familiarizarem com as espécies que se encontram na natureza, assim como normas para a protecção, conservação e limpeza dos espaços naturais.
- ✓ Evitar a extracção de arvoredo, utilizando a vegetação nas encostas para evitar a erosão e deslizamentos de terra.
- ✓ Aproveitar o clima e introduzir ventoinhas eólicas nas montanhas ou no mar.
- ✓ Usar fontes de energia solar activa ou passiva para aquecer água ou em lugares inacessíveis para gerar electricidade.
- ✓ O sombreamento é também factor estratégico para um clima quente, permitindo iluminação clara e ventilação natural.
- ✓ Criar zonas e espaços verdes, aproveitando plantas endógenas e desérticas. Parques de lazer, passeios e ciclovias a beira-mar murados de cactos que não necessitem de muita água, engrandecendo as ruínas dos antigos fortes que se encontra na praia.
- ✓ Aproveitar os espaços vazios para criar **espaços públicos de desporto e lazer**.
- ✓ Ter em conta as pastagens no meio urbano e criar zonas e localizações especiais.
- ✓ Criar um lago no centro/Largo do Pelourinho, aproveitando a aproximação do mar, pois será vantajoso para a população usufruir de frescura.
- ✓ Criar zonas à beira-mar, como piscinas naturais.
- ✓ Aproveitar o mar para criar passeios de barco, visualizar a paisagem urbana através do mar, e criar actividades desportivas, como mergulho, pesca desportiva, ou outros
- ✓ Usar os frutos para o desenvolvimento económico, promovendo e aproveitando as variadas formas de conservar e cozinhar os produtos locais, sendo os frutas tropicais imensamente apreciadas pelos europeus.
- ✓ Organizar **concursos de receitas alimentares** criativas entre os moradores, criando assim novas formas de convivência, motivação para o trabalho, e melhorar aspectos de desocupação e indolência, oferecendo como espaços, edifícios em ruínas que poderão ter potencial elevado se forem reconstruídos.

- ✓ *Formação sobre o património*, informar mais a população sobre o conceito de Património, e motivando-os para a sua conservação, aproveitando mobilidades de voluntariado vindo da Europa.
- ✓ Utilizar o conceito limitado do uso dos automóveis na cidade. Reforçar o facto de ser uma cidade com uma atmosfera limpa.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

É a primeira cidade europeia em África, cidade que nasceu no vale da Ribeira Grande em 1462, na capitania de António da Noli e algumas famílias vindas de Portugal. O seu porto servia como ponto de escala para grandes naus e navios de todo mundo que por aqui passava para se abastecerem com alimentos e combustível. Rapidamente se transformou num centro de comércio escravagista, e a cidade expande-se com monumentos defensivos e religiosos, ganhando contornos urbanísticos. Contornos esses influenciados pela arquitectura portuguesa, adaptando-se às condições geográficas da urbe. Tanto possui linhas rectas como orgânicas. O seu espaço foi-se alastrando para dentro do vale, aumentando o número de construções e habitantes.

Os factores importantes que levaram ao desenvolvimento da cidade, foram a ribeira ter água corrente sempre, o porto que contribuía para o comércio com a costa africana, e as montanhas que protegiam o vale dos ventos, criando assim um clima próprio na cidade diferente do resto da Ribeira Grande.

Consegue-se ter uma visualização da estrutura urbana que se forma através de dois eixos naturais geográficos: A ribeira que forma a cidade na verticalidade, e onde nasce o bairro de S. Pedro; a baía marítima, linha de base para a Rua Direita da Cidade que se integra no bairro de S. Brás, e continua sendo a estrada nacional, que liga à Cidade Velha a Cidade da Praia. Esses dois eixos cruzam-se no largo do Pelourinho, o lugar-cruzamento e o meio de separação e criação dos três bairros existentes na cidade: o Bairro de S. Pedro, o Bairro de S. Brás e o bairro de S. Sebastião, colocados a cotas diferentes, e com imagens tão semelhantes como distintas.

A cidade caracteriza-se pelo seu relevo acidentado, dividindo-se em zona baixa e zona alta, limitando assim a construção do desenho urbano.

As vias que se ligam entre elas e organizam o espaço, são as denominadas *Ruas Direitas* que não se chamam direitas por não serem curvas, mas por se relacionarem directamente com algo que identifica a rua e a sua continuidade como estruturante. São interrompidas por artérias e becos de pouca largura, e criam microcidade, os chamados bairros, que contêm casas tradicionais pequenas em pedra ou pintadas com cores pastel. São elementos marcantes na paisagem urbana, patrimónios construídos que se encontram nos pontos mais altos da cidade, dando valor único à imagem do ambiente.

Conta a história que a Ribeira Grande começou a decair quando a população influente começou a ter interesse pelo Brasil e alguns ataques de pirataria fizeram com que a cidade fosse abandonada, esquecida caiu em ruínas por alguns anos, deixando de ser capital a partir de 1769, quando o governo se transfere para a vila da Praia, que se eleva a capital em 1858.

A partir de 1980, sente-se interesse no turismo e preocupação em recuperar e preservar a imagem e a história da cidade, sendo que em 1990 a Cidade Velha é inscrita nas listas do

Património Mundial, com o pretexto de sensibilizar a UNESCO para o facto de que o património cultural da Cidade Velha estava em perigo. No final do ano 1990, é declarada património nacional de Cabo Verde, tendo em conta a sua importância como berço do cabo-verdiano.

Em 1999 O Inquérito Demográfico restrito à Cidade Velha regista 1316 habitantes. (PIRES, F.) A partir de 2000 a cidade começa a ter algumas construções recuperadas das ruínas.

Em 2009 é declarada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Com Reflexo da Cidade Velha, estudou-se a sua imagem, com limitações, pois foi estudada através de meios que não visitaçāo pessoal ao local, mas criou-se uma perspectiva pessoal e imaginária da cidade baseada como é vista pelo mundo inteiro: documentos escritos pelo governo de Cabo Verde; imagens captadas por turistas que publicaram na via internet; teses escritas e descritas pela história, imagem, antropologia, clima, solo e vegetação da Cidade Velha; a própria UNESCO faz descrições da cidade e refere a sua história e porque deve ser valorizada como Património Mundial.

Analisou-se a imagem da Cidade Velha junto com os seus elementos direccionando e seguindo princípios descritivos do autor K. LINCH no livro *“Imagem da Cidade”*, com informação colhida de diversas fontes, onde como autor-guia se destaca Fernando Pires, com a sua tese *“De Ribeira Grande a Cidade Velha em Cabo Verde, Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano Séc. XV - Séc. XVIII”*.

Com conhecimentos da história da Cidade Velha, da sua formação urbanística, da sua imagem ambiental, das suas dotações urbanas, artísticas e culturais e seus inconvenientes, chega-se à conclusão de que a cidade possui grandes potenciais para desenvolver a sua economia, em uma perspectiva de ideias para promover o turismo na cidade, evitando a sua saturação, aproveitando uma lista de oportunidades e forças, sobretudo o facto de fazer parte do Património Mundial.

Qualquer lugar identifica-se exclusivamente pela sua singularidade criando atracções. A imagem da Cidade Velha tem este potencial para ser única. Não pode no entanto ser banalizada e estandardizada para a industrialização. O seu crescimento arquitectónico tem que ter limites e normas. Normas urbanísticas da volumetria, paredes e fachadas, detalhes na arquitectura, revestimentos e materiais, coberturas, portas e janelas e um limite pré estabelecido de autorizações de entrada aos turistas, oferecendo mais atenção ao artesanato e agricultura.

A imagem da Cidade Velha, como já referida várias vezes, é muito importante, a sua organização é a sua apresentação, tendo a Cidade Velha inúmeros edifícios ainda em ruínas, é uma maneira de os aproveitar e conjugar com a prática de artesanato, práticas culturais, etc. Recriar o espaço, produzindo novas atracções, sem fugir à tradição e deixar de lado o problema da ocupação de venda ambulante no largo do Pelourinho. Relacionando o turismo sustentável, com arquitectura tradicional e os seus elementos da terra, englobando o património natural e as suas práticas sociais.

O tema desta dissertação é muito actual, verificando-se nela uma importância relevante pois trata turismo, património e arquitectura, englobando a sustentabilidade, a ecologia, a história e a preservação.

Em relação a projectos futuros, há um sentimento de determinação em explorar desenvolvimentos e projectos com base nesta dissertação. Nomeadamente a participação pessoal na concretização de ideias e propostas feitas no capítulo seis, que não foram possíveis concretizar durante a realização deste trabalho.

Referências Bibliográficas

ALBURQUEQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira e outros. *História Geral de Cabo Verde, Corpo Documental. Vol. I* Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical - Direcção Geral Do Património Cultural De Cabo, 1988.

ALVES, César, *A IMPORTÂNCIA DO ECOTURISMO NO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO DE CABO VERDE Das potencialidades à prática*, 2009, Lisboa.

AMARAL Ilídio do, *Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar*, 2º sér. nº 48, Lisboa. 1964.

BATISTA P., Ineida, *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico - O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE, Praia, 2008.

BUTLER, R. W. *The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources*. In MOREIRA, Angela, *Turismo e arquitectura: a produção do atractivo via singularidade / notoriedade do lugar*, ARQUITEXTOS, 2008.

Cabral, Maria Iva, *As elites da Ribeira Grande (séculos XVI-XVIII)*, (Inquietações de um doutoramento).

Cabral, Maria Iva, *Elites atlânticas: Ribeira Grande do Cabo Verde (séculos XVI-XVIII)*.

Cabral, Maria Iva, *O primeiro centro urbano colonial nos trópicos: Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XVI-XVII*.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, ed. 70, Lisboa, 2006.

GOMES, Eduardo, *As Potencialidades Turísticas e Preservação Ambiental e Cultural da Cidade Velha, Brasil*, 2004.

GUEDES, M., *Arquitectura Sustentável em Cabo Verde - Manual de Boas práticas*, CPLP, Lisboa, 2011.

LINCH, Kevin, *The Image of the city*, Massachusetts, 1960, ed. 70, Lda., Lisboa, 2003.

PIRES, F. de Jesus Monteiro do Reis, *Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano séculos XVI-XVIII*, Ed. Universidade de Cabo Verde, Mindelo, 2007.

Retirado de <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/handle/10961/1779>.

SANTOS, Maria Emília Madeira e CABRAL, Iva, *O primeiro centro urbano colonial nos trópicos: Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XV-XVII*.

SANSONE, L., *Memórias da África: patrimónios, museus e políticas das identidades*, EDUFBA, Salvador, 2012.

UNESCO, Proposition d'inscription sur la Liste du patrimoine mondial, Cidade Velha, Centre historique de Ribeira Grande, Cap-Vert , Janvier, 2008.

Filmes& Documentários

SPIELBERG, Steven, *Amistad*, USA, 1997, 155min.

COSTA, Catarina Alves, *O arquitecto e a cidade velha*, Portugal, Outubro 2004, RTP2, 72min.

ALVES M., NEVES H., TENREIRO R., Adufeiras de Monsanto guiam-nos pela aldeia "mais portuguesa de Portugal", Portugal, Monsanto, Outubro 2012, SIC, 22min.

RTP1, *Portugueses Pelo Mundo S04E02 - CABO VERDE*, Agosto 2011, visto em <http://www.youtube.com/watch?v=Jidx0Xb25Tk>, 15.08.2013.

RTP, *As Maravilhas de Portugal no Mundo - Cidade Velha de Santiago*, Julho 2009, visto em <http://www.youtube.com/watch?v=Jxm7rZ9V-Dk>, 27.03.2013.

SOUSA, Jair de, "Escola Oficina Cidade Velha", Cidade Velha, 2011, 22min.

Políticas e Regulamentos

RELATÓRIO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - VOLUME I - CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO
Setembro, 2011.

RELATÓRIO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - VOLUME II - CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO
Setembro, 2011.

Perfil Urbano do Concelho de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2012

UNESCO, Proposition d'inscription sur la Liste du patrimoine mondial, *Cidade Velha, Centro Histórico de Ribeira Grande* 2008

Referências Electrónicas

<http://www.360globe.net/cape-verde/santiago/cidade-velha.html>

<http://www.accuweather.com/pt/cv/cidade-velha/55658/weather-forecast/55658>

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.003/1326>

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/169>

http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4164 visto em 6.06.2013

<http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/handle/10961/1779>

Vistos em 06.09.13

<http://viagem80dias.blogs.sapo.pt/12031.html>

<https://www.facebook.com/pages/Associa%C3%A7%C3%A3o-dos-Pescadores-e-Peixeiras-de-Cidade-Velha/270860319708477?ref=stream>

http://www.portugalcoverde.com/item1.php?lang=0&id_channel=20&id_page=48

http://www.voyagevirtuel.com/cap-vert/cidade-velha-igreja_7.php

http://www.rtc.cv/index.php?paginas=47&id_cod=26071

<http://videos.sapo.pt/z4K3M6ash3z1QITZ5Kaa>

<http://videos.sapo.pt/u05qvNszSC7TqgB5rBeO>

http://mikamienvironmentalblog.blogspot.pt/2012/11/introducao-ao-meio-ambienteenvironmenta_21.html, Visto em 23.08.13

<http://www.cipplop.org/site/paises/cabo.aspx>

Cipplop

http://www.panoramio.com/user/37560?with_photo_id=14526919

HELENA, M.

<http://cabovertesite.com/santiago/>

<http://www.cidadevelha.com/>

(zemonte)

<http://urban-planning-africa.blogspot.pt/2012/05/cidade-velha-cabo-verde-patrimonio.html>

Planeamento Urbano em África.

http://arteguine.com.sapo.pt/arte.html#Panaria_da_Guiné_e_Cabo_Verde_-_1960_-_1970

[http://www.boavistaoficial.com/boavista-capoverde-PO/flora-vegetacao-plantas-](http://www.boavistaoficial.com/boavista-capoverde-PO/flora-vegetacao-plantas-boavista.php)

boavista.php

Boavista Agenda

ANEXOS

Anexo I: Dados Cronológicos

- 1460 Cabo Verde é descoberto oficialmente por António da Noli e seu companheiro de viagem Diogo Gomes, (Santiago, Maio, Boa Vista, Fogo e Brava)
- 1461 Diogo Afonso descobre as ilhas do Norte de Cabo Verde (São Vicente, Santo Antão, São Nicolau e Sal)
- 1462 O herdeiro de D. Henrique, D. Fernando entrega a ilha de Santiago dividida em duas capitánias conforme descoberto o arquipélago de Norte a Sul. Diogo Afonso fica com a parte norte da ilha e Antonio da Noli fica com a Ribeira Grande (Sul da Ilha). Dá-se início ao povoamento da Ribeira Grande.
- 1466 O reino autoriza aos moradores oficiais de Cabo Verde o comércio de escravos com a costa africana. Impedindo assim o abandono da ilha.
- 1472 O Rei limita o poder comercial dos moradores na costa Africana e proíbe a comercialização de parceria estrangeira, impondo a fixação na terra aos que quisessem resgatar a partir de Santiago.
- 1495 A construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário, que de início era uma pequena capela.
- 1533 A vila, elevada a sede do Bispado, passa a cidade e capital das Ilhas e da Guiné; (PIRES, 2007)
- 1542 Ataques de corsários franceses; apelo para que se torne o porto da Ribeira Grande mais seguro. Edificação da Capela de São Brás. (PIRES, 2007)
- 1550 Há na cidade "boas casas de pedra e cal habitadas por infinitos cavalheiros portugueses e castelhanos", comportando mais de 500 fogos. (PIRES, 2007)
- 1556 D. Frei Francisco da Cruz, 3º Bispo de Cabo Verde, manda construir a Sé Catedral.
- 1574 O Bispo D. Frei Francisco da Cruz manda construir o Palácio Episcopal. (PIRES,

- 2007)
- 1578 O pirata inglês Francis Drake aproxima-se do porto. (PIRES, 2007)
- 1585 Corsários ingleses, comandados por Francis Drake saqueiam a cidade. A população e as autoridades fogem e refugiam-se nos montes (BRÁSIO,1958, in PIRES, 2007).
- 1586 Apelo ao rei para que socorra a cidade. Torna-se necessário fortalecer o porto da Ribeira Grande levantando-se os baluartes "*que na entrada dela estavam*", fazendo-se outro no porto de São Martinho e um forte no lugar da Achada. Pedido para que não se mude a capital para outro sítio. João Nunes assiste nas obras da fortaleza. (PIRES, 2007)
- 1587 Início da edificação da Fortaleza Real de São Filipe. Instituição do Governo Geral das Ilhas e do Distrito de Guiné com sede na Ribeira Grande. (PIRES, 2007)
- 1592 Suspensão das obras da Sé. (PIRES, 2007)
- 1593 Concluída a edificação da fortaleza de São Filipe. (PIRES, 2007)
- 1603 Ordem para que sejam retomadas as obras da Sé. (PIRES, 2007)
- 1626 *15 de Abril uma Descrição da Ribeira Grande para o Reino referindo os três bairros " há nella tres Bairros e duas Ruas pelo meyo d'elles, a saber, o de S. Sebastiao, o de S. Braz, e o de Sam Pedro, as Ruas são a de são Pedro até ao porto onde sorgem os navios, e a outra he a da Rua da Carreira e a Rua da Banana onde a gente desta Cidade se accomodao medianam." As casas eram bem construídas de pedra e cal, habitadas por numerosos portugueses e castelhanos, alguns de boa linhagem. (AMARAL, 1963)*
- 1628 Ataque holandês à cidade, com a pretensão de aí ser levantada uma fortaleza; reedificação dos muros da cidade. (PIRES, 2007)
- 1630 Acusa o governador João Pereira Corte Real a pouca capacidade da Ilha para albergar uma Sé com tantos clérigos, capelães e Bispo, "*em cidade que não chega a ser aldeia*" e onde os cidadãos são quinze ou dezasseis homens de Portugal que somados aos crioulos da terra não chegam a 35. (PIRES, 2007)

- 1635 Avoluma-se o número de naus holandesas que passam por Santiago, não se achando a ilha apetrechada para se defender. A crise económica acentua-se e as suas repercussões tornam-se cada vez mais evidentes. (PIRES, 2007)
- 1640 Doação para a fundação e sustento do Convento de São Francisco, por Joana Coelha, nobre e natural da ilha de Santiago.
- 1640 Depois da Restauração o poder central mostra cada vez menos interesse pelas ilhas e mais interesse em desenvolver o Brasil. O arquipélago entra em abandono por parte do poder central, ficando somente a população pura cabo-verdiana, os chamados "brancos da terra" (que inclusive podem ser pretos), os que nasceram na terra. (CABRAL, Iva)
- 1657 A construção do convento de S. Francisco.
- 1698/1702 O início das construções do Forte de S. Lourenço
- 1700/1701 As obras da Sé encontram-se quase concluídas. (PIRES, 2007)
- 1712 Piratas franceses comandados por Jacques Cassard pilham a cidade, incendiando os armazéns reais, a casa do Bispo e a do Governador. (PIRES, 2007)
- 1718 Face aos altos custos com aluguer e às dificuldades em se encontrar uma casa para a aposentadoria dos governadores, Serafim Teixeira Sarmiento de Sá propõe a realização de obras nas casas que então serviam de armazém (*"fazendo-se dois quartos, e uma cozinha, que é o de que necessitam para ficar uma nobre aposentadoria por ter duas casas já muito bem forradas com cinco janelas e sacadas, e ficarem mais perto do Porto com bastante vista do mar, ainda que o sítio não é a melhor coisa pela vizinhança de uma lagoa que tem"*). A fortaleza de São Filipe encontra-se arruinada. Ordem régia para a remodelação da Cadeia. (PIRES, 2007)
- 1724 A cidade foi abandonada e a maior parte dos seus edifícios encontram-se em ruínas; as fortalezas acham-se desguarnecidas. (PIRES, 2007)
- 1735 Alvará de concessão à Câmara da Ribeira Grande do privilégio da venda de duas vacas a cada navio que aportasse à vila da Praia, com o fim de financiar a reconstrução dos edifícios e fortalezas da cidade. (PIRES, 2007)

- 1738 A miséria da terra é total. A maior parte da cidade está reduzida a "*pardieiros razos*" e as poucas casas que ainda se acham em pé encontram-se destruídas (Carta da Câmara da Ribeira Grande). (PIRES, 2007)
- 1754 O dormitório do Convento de São Francisco é destruído por um grande temporal. O Bispo D. Pedro Jacinto Valente abandona a sede do Bispado e fixa residência na ilha de Santo Antão. (PIRES, 2007)
- 1763 "*Esta cidade se acha inabitável de gente, porquanto todas as famílias principais da terra se acham assistindo nas suas fazendas, que têm no campo e têm deixado arruinar as suas casas da cidade*" (Bartolomeu de Sousa e Brito). (PIRES, 2007)
- 1766/1779 Envio do engenheiro António Carlos Andreas para Cabo Verde, onde dirigiu as obras de fortificação e efectuou diversos levantamentos cartográficos. (PIRES, 2007)
- 1774 Despacho do Marquês de Pombal para a reedificação do Palácio Episcopal (PIRES, 2007)
- 1784 A Misericórdia encontra-se degradada. (PIRES, 2007)
- 1838 Proposta do governador Joaquim Pereira Marinho para a demolição da Sé e construção de uma nova no Mindelo (Ilha de São Vicente) para onde se transferiria a capital. (PIRES, 2007)
- 1841 "*Apenas restos da igreja e do hospital da Misericórdia se mantinham de pé*" (BARROS, 1973). A fortaleza real encontrava-se arruinada. "*A cidade n'outro tempo possuiu muitas e boas casas de pedra e cal, e até muitas de cantaria de Portugal; havia até casas acasteladas, (...), resultado da combinação dos elegantes arabescos e suas esbeltas e soberbas colunas (...). Um cabanas de pedra e barro cobertas de palha, constituem hoje toda a cidade*" (CHELMICHI, 1841). (PIRES, 2007)
- 1858 Elevação da vila da Praia a cidade, consumando-se a total ruína da Ribeira Grande. (PIRES, 2007)
- 1875 O bispo recusa a proposta do director das Obras Públicas de Cabo Verde para a demolição da Sé e reaproveitamento dos materiais para outras construções na Praia. (PIRES, 2007)

- 1884 O Palácio Episcopal já não existe. (PIRES, 2007)
- 1990 Recenseados 2425 habitantes na freguesia de Santíssimo Nome de Jesus, revelando acentuada vitalidade da pirâmide demográfica. (PIRES, 2007)
- 1997 A agricultura e a pesca mantêm-se como actividades económicas dominantes, registando-se ainda quatro unidades de avicultura, seis de fabrico de aguardente, cinco de comércio a retalho e dois botequins. (PIRES, 2007)
- 1999 O Inquérito Demográfico restrito à Cidade Velha regista 1316 habitantes. O forte S. Filipe é reconstruído sob coordenação do Arquitecto Siza Vieira.

Anexo II: Tipos de vegetação⁹¹

Árvores de grande diâmetro

Acácia-Americana (*Prosopis juliflora* Swart) di Candole, família: Leguminosa e Mimosaceae. A árvore é resistente à secura, foi introduzida pelos serviços florestais para a arborização nos solos áridos de Cabo Verde substituindo o Espinheiro branco (Acácia alba) que podia atingir os 10-20 metros de altura, e foi desaparecendo no final do século passado. Utilizada na produção de lenha e carvão, “os seus frutos são pequenos e retorcidos”⁹², usados na alimentação dos animais. As suas origens são americanas, de regiões secas, da Califórnia, Chile e Peru.

Acácia-Martins (*Parkinsonia aculeata* L.) família: Leguminosae. Cultivada como forrageira, ornamental nos arruamentos. Origem: Zonas seca da América do Sul. De origem americana, Parkinsonia aculeata, boa forrageira.

Calabaceira (*Adansonia digitata* L.) família: Bombacaceae. Pode atingir 12 metros de altura mais de 9 metros de diâmetro do tronco. Fruto rico em vitamina, utilizado na produção de refresco tem propriedades medicinais. Origem: Savanas da África.

Nime (tendente) (*Azadirachta A.juss*) família: Meliaceae. Introduzida em Cabo Verde como espécie florestal, folha muito utilizada na medicina tradicional. Origem: Índia.

Árvores frutíferas de grande diâmetro

Cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) família: Anacardaceae. Árvore que pode atingir 4 a 10 metros de altura. O fruto é utilizado para a produção de sumo rico em vitamina, quando fermentado do vinho de caju o sumo é diurético, antidiabético e calmante. Origem: Brasil, México.

Figueira - branca (*Ficus capensis*) família: Moraceae. Tem flores de cor verde mal se distinguem, a sua madeira foi utilizada na elaboração de peças, como tigela, pilão, e quilha de navios. Os seus frutos podem ser utilizados na alimentação. Região de origem: África tropical e Austral.

Figueira-brava (*Ficus sycomurus* schmidt) família: Maraceae. Muito semelhante ao ficus capensis muito rústica e adaptada aos locais secos e terrenos íngremes, podendo chegar a 20 metros de altura. Seus frutos são comestíveis, e é uma espécie que já cresce naturalmente em Cabo Verde, tendo a sua origem provavelmente na África tropical.

⁹¹ Informação com bases em BATISTA P., Ineida, *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico - O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE, Praia, 2008. Anexo, ficha nº1, plantas património - Convívio de exóticas e da floresta autóctone. p. LII - LIII.

⁹² Retirado de http://mikamienvironmentalblog.blogspot.pt/2012/11/introducao-ao-meio-ambienteenvironmenta_21.html

Mangueira (*Mangifera indica L.*) família: Anacardaceae. Fruteira cultivada nos regadios e linhas de água. Fruto cor verde, amarela, vermelha - rosa. Origem: Oriente, entre a Índia, Malásia.

Tamarindeiro (*Tamarindus indica L.*) família: Leguminosae. É das árvores mais resistentes à seca em Cabo Verde. Dos frutos faz-se uma bebida refrescante rica em vitaminas. As folhas são utilizadas na medicina tradicional. Origem: África Tropical, região Sudanesa e estepe Índia. Tamarindo, uma das árvores úteis mais resistentes à secura, naturalizada já em Santiago

Palmeiras frutíferas

Bananeiras (*Musa Sapientum*) família: Musaceae. Planta herbácea - arbórea de grande porte. Multiplica-se por rizoma, produz uma única infrutescência e amadurece precocemente. Pode ser consumida crua, cozida ou em dose. Origem: Birmânia, Tailândia, Sul da China, Filipinas e este da Nova Guiné.

Coqueiro (*Cocos*) família: Palmae. Foi introduzida nos primórdios da colonização. O fruto coco, (a água de coco muito *nucifera L.*) apreciado consumido fresco. Origem: Melanésia.

Papaieira (*Carica papaya L.*) família: Caricaceae. Arbusto de tronco herbáceo, crescimento rápido, cultivado em todo o arquipélago, nos regadios e sequeiro. Produz fruto todo o ano, o fruto é a papaia. Origem: América Central, Brasil e México.

Tamareiras de terra (*Phoenix atlântica A.Chev.*) família: Palmae. É uma espécie endêmica de Cabo Verde, é muito próximo de *Phoenix canariensis*, é habitual encontrá-las nas costas arenosas ou ao pé das ribeiras e tem uma altura média de 10 metros. Os frutos são utilizados na alimentação, as folhas são utilizadas na cobertura das casas e no artesanato e também para alimentar animais.

Árvores arbustos

Cana - de - açúcar (*Saccharum Officinarum L.*) família: Gramineae. Planta resistente que pode atingir 5 metros de altura. Em Cabo Verde, a produção do açúcar mascavado e aguardente grogue faz-se a partir de cana-de - açúcar. Origem: Melanésia, Indochina.

Goiabeira (*Pisidium guajava L.*) família: Myrtaceae. A fruta é apreciada na indústria de doces. Muito usada como antigripal. Origem: América Central desde o México.

Jamboeiro (*Eugenia jambos L.*) família: Myrtaceae. Árvore, atinge 4 a 8 metros de altura. Os frutos são muito utilizados na alimentação. Ela é indicada como diurética, digestiva e antifebril, cultivada em regadios. Origem: Ásia Oriental, Ilhas do Pacífico

Pinha (*Annona muricata L.*) família: Annonaceae. O fruto, a pinha, é muito apreciado. Origem: América Central, Colômbia e Venezuela.



Quadro: 6 Espinheiro branco (*Acácia álvida*), Sicômoro (*Ficus sycomorus*), Tamareira (*Phoenix atlantidis*)



Quadro: 7 Contraste entre vegetação e aridez

